5

Conseqüências teológicas para responder ao apelo da Salvação em Cristo no espaço da Criação

5.1

Introdução

As conseqüências teológicas no bojo das reflexões desta parte do presente trabalho, bem como nas reflexões já expostas até aqui, em muito são devidas ao pensamento de Pierre Gisel. É este, conseqüentemente, o propósito a quê se tem mesmo como alvo, uma vez havido o cotejamento nas obras teológicas, incluindo artigos do referido teólogo de linha reformada. Muitos pontos já foram trabalhados, entretanto, mesmo sendo consideradas as suas posturas profundas e abrangentes em teologia, não significa que haja uma totalidade com perfeição, o que seria demais inalcançável. Assim, o presente capítulo apresenta algo que se configura como resultado e também como implicações da reflexão teológica desse autor. Essas implicações são direcionadas para o tempo que se denomina hoje, a fim de que possam fruir de modo eficaz e encontrar um solo fértil para germinar a boa semente. Também cabe um certo distanciamento do autor em alguns pontos, que na realidade não têm a intenção de ofuscar o seu pensamento.

No presente capítulo, com seus argumentos, procura-se atualizar o pensamento de Pierre Gisel, mas sem deixar perder as suas contribuições, pois são de grande validade. Deste modo, primeiramente, trata de noções profundamente essenciais para uma nova mentalidade integradora. São as noções no que se refere ao espaço da boa criação de Deus, onde mente aberta, obediência e serviço, tornam-se parâmetros para que a realidade cúlta seja vista na Igreja e na Sociedade como expressão de vida. Onde as conseqüências dessa ação sejam refletidas e experimentadas acima de qualquer mediocridade. Depois, mediante as interpelações da realidade bíblico-teológica para hoje, permite-se que haja a percepção de uma salvação em Jesus Cristo, inscrita na criação, sob a dinâmica do

Espírito. Somente assim, o ser humano pode perceber a sua verdadeira condição e assumir seu compromisso histórico.

Por último, são apresentados horizontes de complexidade, que superam o dualismo existente na mente das pessoas, perpassadas por certas ideologias de cunho gnóstico-cartesiano. Horizontes que devem ser refletidos nesses tempos de tantas incongruências religiosas, políticas e sociais. Em princípio, aparece o horizonte de complexidade teológica. Depois, seqüencialmente, são focalizados os horizontes de complexidade cosmológicas e antropológicas, para se proporcionar uma sociedade mais justa, uma cultura que dignifique o homem e reconheça Deus como criador e salvador, E, por último, uma política que possa atuar livre de corrupções, como algo que se espera urgentemente.

5.2

Noções essenciais para uma nova mentalidade integradora

O reflexo da teologia de Pierre Gisel, intenta imprimir uma nova maneira de se poder pensar com equilíbrio os pontos básicos da doutrina cristã, no que tange a Deus, ao homem e à criação. Pontos que na realidade têm seus fundamentos contidos na revelação bíblica e numa boa tradição teológica. Pode-se afirmar que a necessidade de uma nova reflexão se prende ao fato de que a estrutura doutrinário-eclesial sofreu a influência mais da mentalidade grega com seu dualismo, do que da mentalidade hebraica com sua visão integral. Uma estrutura que abrange tanto o ser humano quanto a criação em geral. Uma influência de cunho dualista, com base num certo maniqueísmo, provocou e continua provocando desajustes com altos índices desintegradores.

Que noções se podem absorver para se exercitar uma mente integradora, e que provoquem o ser humano a agir com consciência e consistência em sua trajetória existencial? Como alcançar uma mente integradora, que tem a ver com uma nova maneira de refletir e de agir? Para que tudo isso se constitua uma realidade inserida no bojo da existência humana, o principal é adquirir, formar e

desenvolver algumas noções fundamentais, com a finalidade de haver a configuração de uma realidade de mundo, segundo uma vida no Espírito.

5.2.1

A mente aberta para perceber a realidade

A realidade é algo que clama por uma percepção e por um envolvimento, porque exige a força motivadora da vida. E a vida é dinamizada segundo o Espírito que marcou a realidade do mundo pelo ato criador (Salmo 104). Assim é que se pode afirmar que a criação é ato divino, portanto, ato de amor. É algo bom e que nos atrai, pois somos feitos conforme à imagem de Deus (Gênesis 1.27-28); criados do pó da terra (Gênesis 2.7), e para ela sempre nos voltamos, ou recebendo o seu sustento, ou sendo devolvidos a ela quando cessam todas as atividades vitais neste mundo (Gênesis 3.19). Diante de tais realidades configuradas na revelação, desponta de modo caracteristicamente reflexo, que uma doutrina da criação é teologicamente correta, quando esta se apresenta na prática eclesial, em termos de confissão de fé. Uma confissão de fé própria da tradição judaico-cristã.¹

É necessário entender que todo esforço da parte do homem para emancipar-se de Deus, do seu semelhante e da realidade que o cerca, se constitui ato de rebeldia, pois se configura um estado de negação de sua própria natureza. A realização da vida humana somente se desdobra na vida comunitária e cosmológica. Todo o intento de viver sozinho, isolado de Deus e das demais criaturas, se constitui negação da própria humanidade.² Em face de toda essa conseqüência que se torna múltipla, sob todos os aspectos que envolvem uma faceta negativa, é necessário e também fundamental abrigar uma mente aberta para a realidade.

A perspectiva teológica cristã tem de estar inscrita no mais profundo da realidade humana, pois tem a ver com reflexão acerca do destino dessa criatura de origem divina.³ A realidade humana está relacionada com todos os encantamentos do cosmo. Acha-se tomada com as próprias realidades do mal, das diversificadas

¹ GISEL, P. *La création*, pp. 22-23.

² Sugiro a leitura da obra completa de WRIGHT, G. E. *Doutrina Bíblica do Homem na Sociedade*. São Paulo: Aste, 1966. 190p.

³ GISEL, P. *La subversion de l'Esprit*, pp. 143-171.

expressões culturais,⁴ e principalmente com o absoluto de Deus. Essa dinâmica está diretamente relacionada com o que Pierre Gisel entende por “Vida no Espírito”.⁵ Uma vida que passa pela matéria que é o mundo em sua concretude, constituído em si mesmo numa vida encarnada, que se desdobra em seu exterior, de modo pleno e com profundo significado. Vida de realização humana, em prol da edificação de uma nova estrutura social. Vida que não é apegada definitivamente ao mundo, mas também não desintegrada dele.

A vida cristã tem em si mesma, na sua capacidade de autotranscender-se, o exercício de superar-se, mesmo diante de certas dificuldades que impossibilitam uma mente aberta e reflexa. Essa postura se mobiliza para a sua realização na história, através da uma autoconsciência, em progresso humano, no pleno envolvimento com a realidade que a cerca e com toda a estrutura cósmica e cosmológica em potencial. Existem dificuldades que fazem a mente flutuar para outros segmentos que impedem a pessoa de perceber a realidade, e por sua vez a verdade de que Deus está no mundo e o mundo também se encontra em Deus, como realidade insofismável.

Algumas atitudes contrárias a essa realidade negativa, contribuiram no sentido de haver críticas bem oportunas, como algumas que foram abordadas por Pierre Gisel, apresentando seus argumentos acerca de uma tentativa de contrapor as idéias argumentativas do teísmo clássico,⁶ que por muitos séculos sufocaram o ensino de um mundo configurado como corpo animado pelo Espírito, numa dimensão profundamente trinitária. Uma dimensão do Espírito que não contempla quaisquer dualismos e desvalorizações, que não joga para o lado tudo o que é legitimamente divino-humano. Uma dimensão que não admite a superioridade de um sexo sobre outro, ou ainda em termos de uma exploração da própria criação, tirando-a do centro de um cuidado⁷ e colocando-a à margem de tudo e de todos.

Como Deus se relaciona com o mundo e como o mundo se relaciona com Deus constitui-se a base desta argumentação, para que se compreenda melhor a

⁴ Cf. GISEL, P. *Répondre du présent entre héritages et déplacements*, Paris, 2001, pp. 1-21.

⁵ GISEL, P. *La subversion de l'Esprit*, 217p. Recomenda-se a leitura completa dessa obra, pois o autor trata com detalhes preciosos o assunto da realidade do mundo e a vida segundo o Espírito.

⁶ As teólogas que exerceram algumas posturas críticas: MACFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus. Teologia para uma nova era ecológica*. [tradução: José Raimundo Vidigal]; São Paulo: Paulus, 1996. 292p.

⁷ Em tempo oportuno, recomenda-se a leitura da obra de BOFF, L. *Saber e cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 199p.

realidade que se pode focar no sentido de haver uma nova maneira de se falar de Deus e da criação, incluindo uma realidade de uma linguagem não-sexista,⁸ bem como considerando a própria relação do divino com a criação.

Em primeiro lugar, é preciso ver o mundo como corpo de Deus.⁹ Esta proposição tem a intenção de mostrar as diferenças que existem entre as *metáforas antigas* utilizadas para Deus como Rei Soberano; e, por outro lado, propor *novas metáforas*, para se falar de Deus, o qual se relaciona com o mundo.¹⁰ É preciso analisar quais são as melhores metáforas para se falar de Deus em nosso tempo: aceitarmos as que distanciam Deus do mundo, ou as que o aproximam?

Os cristãos têm de buscar o melhor sentido, porque têm em sua tradição o sentido da linguagem do corpo, não só por causa da ressurreição do próprio corpo, mas por causa dos elementos eucarísticos: o pão e o vinho como o corpo e o sangue de Cristo. Elementos que simbolizam a ação histórica de Jesus, indo até às últimas conseqüências, a fim de configurar um novo tempo de paz, alegria e segurança. Mas, se o Cristianismo tivesse nascido numa cultura menos dualista e antifísica que a do mundo mediterrâneo do Século I, ele poderia ter desejado, em razão da Antropologia e da Teologia mais holísticas das suas raízes hebraicas, estender a Deus a sua metáfora do corpo.¹¹

Segundo essa abordagem, observa-se que o contexto da reflexão e prática cristãs é profundamente marcado pela estrutura dualista, onde o horizonte de compreensão permite refletir que Deus está distante do mundo, e o espírito do corpo, aprisionado por este. De fato, quando não se pensa uma relação, a princípio, e sem uma reflexão mais profunda chega-se logo à conclusão de que este mundo está sem direção. Mas, agir assim é proceder de maneira inteiramente deformada. A visão da relação de Deus com o mundo na qual todas as coisas têm uma origem em Deus e nada existe fora dele, não significa que o próprio Deus

⁸ Grande colaboração para essa postura, cf. RUETHER, R. R. **Sexismo e Religião**. [Tradução: Walter Altmann e Luís Marcos Sander]; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.239p.

⁹ Cf. a posição que muito tem a ver com a proposta de P. Gisel (**Croyance incarnée, Corps et esprit e La création**): MAcFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus. Teologia para uma nova era ecológica**, 292p.

¹⁰ Recomenda-se a leitura de: MAcFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**, p. 106. “A metáfora do mundo como corpo de Deus tem o problema oposto ao da metáfora do mundo como reino do rei: se esta introduz demasiada distância entre Deus e o mundo, aquela se inclina para uma proximidade demasiada.”

¹¹ Pensamento análogo ao de P. Gisel: Cf. MAcFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**, p. 107.

seja reduzido a estas coisas criadas ou mesmo delas distante. O mundo não pode existir fora ou isolado de Deus.

Quando se pensa a *metáfora* do mundo como corpo de Deus, corre-se o um risco de panteísmo. Mas, o mundo como corpo de Deus deve ser cuidado. Da maneira como agirmos, cuidando ou devastando, estaremos maltratando Deus. Aí está o perigo de se pensar uma linha panteísta. Porém, Deus como mundo sofre e corre risco nas mãos humanas, tal qual Jesus de Nazaré.¹²

O que se pretende afirmar para que a mente humana seja enriquecida, é que Deus não está distante da sua Criação. Deus age no e através do processo físico-histórico-cultural evolutivo incrivelmente complexo, que começou a muitos *éons* atrás. Deus permanece como agente. Aqui não se deve esquecer a imanência e a transcendência de Deus, sempre fazendo parte do conjunto reflexo de Pierre Gisel, ao mensurar o polo cristológico-pneumatológico,¹³ sempre em ação, em favor da realidade estabelecida por graça e amor. E, que a teologia cristã somente pode revelar uma verdade sobre o mundo e sobre Deus, segundo uma relação, que acentua Deus como diferente de sua obras, mas que age através delas e nelas.¹⁴

O risco enfocado é um risco que todos temos de correr em meio ao contexto em que predomina certa linha de pensamento dualista. Confiar em Deus cujo corpo é o mundo é confiar num Deus que tem um profundo interesse pelo mundo. Deus ama os corpos, e constitui-se uma valorização de tudo quanto existe na criação. Agir ao contrário é reprimir a sexualidade sadia, quer dos homens, quer das mulheres (Gênesis 1.28).

Qual é o significado de se afirmar que Deus ama os corpos? Significa que endireita e produz o equilíbrio rumo a uma compreensão mais holística da plenitude. É uma proposta de unidade entre o corpo e o espírito e não o contrário. E o problema do Mal? Deus é responsável pelo mal, o mal natural e o mal humanamente desejado? Na construção monárquica Deus está em competição

¹² MACFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**, p. 109. “O Deus encarnado é o Deus que corre o risco: foi-nos dada a responsabilidade central de zelar pelo corpo de Deus, o mundo”. Diante disso, cf. o que essa teóloga argumenta, que não acontece que exista possibilidade de se reduzir Deus ao mundo na metáfora proposta. Para clarear esse ponto de vista ela diz o seguinte: “Assim como estamos internamente relacionados a nossos corpos, assim Deus está inteiramente relacionado com tudo quanto existe - O Tu mais radicalmente relacionado. Deus se relaciona solidariamente com o mundo, assim como nós nos relacionamos solidariamente com nossos corpos.”

¹³ Cf. GISEL, P. **Le Christ de Calvin e La subversion de l'Esprit**. Obras já trabalhadas no Capítulo III.

¹⁴ Cf. GISEL, P. **La théologie face aux changements des représentations du cosmos**, Lausanne, 2001, p. 25 ss.

com os poderes do mal, Rei vitorioso que esmaga os inimigos. Mas, é preciso entender algo sobre Deus e o Mal: “O mal no mundo, todo tipo de mal, acontece em e para Deus como para nós e para o resto da criação. O mal não é uma força contrária a Deus; em certo sentido, é responsabilidade de Deus, parte do ser de Deus, se quisermos”.¹⁵

Esta reflexão aponta para o que se associa ao que acontece no e ao corpo de Deus, e que Deus sofre também corporalmente.¹⁶ Portanto, ninguém sofre sozinho. Como corpo de Deus, este está sempre *pregado na cruz*. Deus não pode eliminar o mal, mas pode depender de nós, colaboradores dele na prática do amor. Aqui está contido o profundo significado da nossa destinação antropológica, que é o grande mandato cultural dado ao ser humano: desenvolver a sua humanidade. Essa é a dimensão do Espírito no coração do mundo, em atenção ao projeto de Deus.

O que significa o *pecado* nessa metáfora proposta? É justamente a recusa de ser parte do corpo, como *Imago Dei*. É recusar assumir a responsabilidade no cuidado, no amor e na proteção do corpo e de todas as suas partes. Aqui, encontra-se a verdadeira missão da Igreja, em todos os tempos, mas sobretudo hoje, em meio aos pluralismos cultural e religioso.¹⁷ Não é ela o corpo de Cristo? Não é em sentido literal, mas na sua natureza e missão de viver e propagar as boas novas que é o Evangelho, não nos confins, mas no coração do mundo. O Evangelho é para o mundo porque Deus é para o mundo e o mundo para Deus. Daí, Deus ter sempre cuidado com o mundo.

Uma tomada de consciência que relaciona vida e espírito é profundamente cheia de frutos.¹⁸ Assim se entende um reconhecimento de uma dimensão espiritual inscrita na vida, permitindo a elaboração de uma teologia do Espírito. A força operadora do Espírito tem uma relação com as realidades humanas no coração da existência do humano, e a sua dimensão não existe para fora da multidimensionalidade da vida. Portanto, diante disso, é necessário se ter uma nova linguagem para se falar de Deus e da sua relação com o mundo. Através de uma

¹⁵ Cf. MACFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**, pp. 111, 113.

¹⁶ Cf. MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a Teologia**. [Tradução: Ivo Martinazzo]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 35-74.

¹⁷ Cf. em artigo recente sobre a Igreja: MIRANDA, Mário F. A Igreja no atual pluralismo cultural e religioso. In: **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro: Ano IX – 2005, fasc. 21, pp. 345-352.

¹⁸ Cf. GISEL, P. Faire face aux pluralités religieuses. In: **Interpréter**. Hommage amical à Claude Geffré. Études réunies par Jean-Pierre Jossua et Nicolas-Jean Sed, pp. 203 ss. Paris: Cerf, 1992.

nova linguagem, que pode com autoridade desenvolver a Teologia no coração da Igreja e do mundo, certamente despontará um novo pensar e uma nova atitude se configurará. Essa metodologia, de mostrar que Deus se relaciona com as criaturas e se envolve na própria história do mundo, tem o objetivo de formar o perfil da nova configuração, que remete a uma mentalidade aberta.

A Sagrada Sabedoria não habita em isolamento, em relação ao mundo, antes há reciprocidade, sustentando-lhe a vida, resistindo continuamente às forças destruidoras da vida. Assim, Deus no mundo significa que, ao sintonizarmos a Bíblia em Efésios 4.6, os cristãos atestam a presença de Deus no meio da beleza e no advento da justiça, confiam na força desta presença em todos os momentos adversos. Logo, diante disto observa-se que Deus está presente, transmitindo o poder da vida e do bem-estar, em intensa oposição a tudo o que faz degradar essa vida. E, na relação de Deus com o mundo e deste com o Criador, considerando a sua distinção, o que é mais autêntico e profundo é o que acentua com prioridade e toda propriedade a própria relação, que existe nessa via de mão dupla. Desfaz todo o isolamento do Deus patriarcal, pregado e ensinado pelo teísmo clássico. É justamente dessa maneira, que esse envolvimento divino traz a vida e liberta o mundo em sua própria integridade e na sua autotranscendência.¹⁹

5.2.2

A obediência como ação para uma nova realidade

É necessário nesta parte do trabalho haver uma retomada do tema do pecado, pois tem a ver com a desobediência do homem em relação ao Criador.²⁰ Pecado tem, de forma profunda e abrangente a ver com rebeldia; com o estado do homem em não assumir o compromisso recíproco entre a criatura e o Criador. Toda essa estrutura negativa se vê simbolizada na atuação maléfica de Caim em relação a Abel, tirando-lhe a vida (Gênesis 4.1-16).²¹ O desrespeito a Deus implica em desrespeito ao semelhante e à própria criação em geral. Essa ação é

¹⁹ Esse mesmo pensamento é refletido também por JOHNSON, Elizabeth A. **Aquela Que É. O ministério de Deus no trabalho teológico feminino**. [Tradução: Atílio Brunetta]; Petrópolis, RJ, Vozes, 1995. 396p (pp. 326-331).

²⁰ GISEL, P. **La création**, pp. 39-45.

²¹ *Ibid.*, pp. 52-56.

simbolizada também na construção da Torre de Babel (Gênesis 11.1-9).²² Percebe-se a intenção do homem de não querer atender à voz de Deus para povoar a terra e cuidar dela; de não cumprir o seu mandato cultural. Isso é algo que tem se propagado, e com intenso volume tem aumentado, concomitantemente, durante as gerações. É ação que se vê de modo emblemático quando, por exemplo, pelo ângulo político, o Estado procura se deificar, deixando de cumprir o seu papel de Estado, assumindo o lugar de Deus. Também, quando as estruturas se projetam com suas leis de formas autocrática e totalitária, favorecendo a uns poucos e a muitos desfavorecendo, imprimindo-lhes sofrimento pesado.

O tema da **obediência** como uma nova ordem política,²³ para haver progresso em todos os sentidos das áreas humanas, é percebido nos escritos de Pierre Gisel.²⁴ Essa **nova ordem política** é a maneira pela qual o homem deve ocupar e exercer o seu lugar na criação, na qualidade de imagem de Deus, segundo a temática do Espírito. A obediência é querida por Deus em sua palavra em lugar de sacrifícios de animais. Assim se expressa o Salmo 51.16:

Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus.

Ao atender esse preceito e dotado de sua liberdade, o homem é chamado a ratificar de forma consciente a decisão de Deus, ao ocupar o seu lugar na criação, assumindo o seu papel, tendo de saber que ele não é criador primeiro, mas criador em situação de ação e de resposta responsável ao Deus-Criador e Salvador.²⁵

Agir de modo contrário a essa natureza significa uma inversão de valores, que são percebidos através dos atos já praticados na história, por exemplo, de guerras²⁶ e sofrimentos impostos pelos grupos de poderes políticos. Hoje mesmo,

²² Ibid., pp. 60-65.

²³ Cf. GISEL, P. **La subversion de l'Esprit**, p. 143. "Elle touche le mystère de notre identité et de nos personnes; elle préside à leur épanouissement, immédiat ou secret, voire décalé. J'avais également d'entrée indiqué que la même thématique présentait une face politique..."

²⁴ GISEL, P. **La création**, pp. 218-225. "La réalité de l'image de Dieu passe ainsi par un acte, une histoire, une obéissance".

²⁵ GISEL, P. **La création**, p. 36 ss.

²⁶ Cf. obra recente organizada por MAGNOLI, D. **A história das guerras** (Org. Demétrio Magnoli), São Paulo: Contexto, 2006. 479p. As guerras acompanham a trajetória da civilização desde os primórdios. Apesar de esforços como a criação da ONU, no final da 2ª. Guerra, e de acordos internacionais em diversos níveis, a guerra é um fenômeno ainda presente e suas conseqüências são devastadoras. Hoje Israel e Hezbollah se enfrentam e espalham terror na

os atos de desobediência a Deus, ao próximo e à natureza se multiplicam, em nome de ideologias narcisistas, de pessoas que ganham a vida às pensas do sofrimento imposto a outros.

No exercício de certos atos que se concretizam, se desenvolvem três modos quanto ao uso da liberdade; uma liberdade outorgada pelo Criador ao homem. Segundo a “Parábola do Bom Samaritano” contada por Jesus, em Lucas 10. 25-37, são percebidos os três usos da liberdade.²⁷ Vejamos. Primeiro: A liberdade *contra o outro*, através da ação violenta dos salteadores ao deixarem um homem semimorto à beira da estrada. Segundo: A liberdade *em benefício próprio*, nas pessoas do sacerdote e do levita, representantes da religião oficial. Terceiro: A liberdade *a favor do outro*, pela atitude e ação do samaritano, que tratou da pessoa ferida, dando-lhe tudo o que precisa para recuperar-se. No primeiro caso predomina o egoísmo selvagem, no segundo o egoísmo comodista, ambos são frutos da desobediência e do mau uso da liberdade. No terceiro o serviço sacrificial do amor. Esse ato é ato de obediência. E a obediência estabelece o bem do outro e glorifica a Deus. Obediência para realizar o bem em favor do próximo. Este é o ato da verdadeira liberdade, que todo homem deve exercitar.

A obediência é traduzida pela organização das diferenças.²⁸ Instituir um mundo justo é parte da vocação do ser humano, e a fé bíblica conduz a esse objetivo, porque se crê que a fraternidade é possível na diferença, porém na medida de se assumir a postura exemplar de filhos de Deus na relação.²⁹ Pois ser filho de Deus implica em obedecer a Deus. Pode-se tomar como modelo básico a pessoa e a vida de Jesus de Nazaré, que foi fiel em todas as coisas, e por sua fidelidade, ensinou as pessoas como fazer a vontade de Deus, no serviço ao próximo. Mas, mesmo tendo à nossa disposição o ensino bíblico as pessoas parecem não saber organizar as diferenças. O que fazem? Execram e tornam extinto tudo o que é diferente; tudo o que não se coaduna com uma certa postura de arrogância, em nome de certas idéias absolutistas. Nomeiam e batizam com o

população civil do Líbano, que foge desesperada num êxodo sem precedente na história recente do Oriente Médio. Compreender as intrincadas razões de qualquer guerra, por sua vez, é tarefa movediça, caso não olharmos para seus condicionantes políticos, econômicos, tecnológicos, ideológicos e culturais.

²⁷ WRIGHT, G. E. **Doutrina Bíblica do Homem na Sociedade**, Prefácio do Editor.

²⁸ GISEL, P. **La création**, p. 54.

²⁹ GISEL, P. **Croyance incarnée**, pp. 30-33.

líquido da discriminação os que são diferentes, e exigem uma certa uniformidade, que segrega e insere tudo e todos dentro de um sistema.

Porém, é fundamental saber que o Criador não criou todas as coisas iguais. Mesmo dentro da raça humana, há diferenças culturais e educacionais que devem ser respeitadas. O que nos torna unânimes é a nossa humanidade, e as diferenças de sexo e de cultura só podem fazer bem, gerando riquezas sociais.

Mas, como alguém pode ser obediente sem crer em Deus como Criador e Salvador? Como alguém pode ansiar por se chamar filho ou filha de Deus se não desenvolver a obediência à vontade do Criador? É primordial crer na Revelação³⁰ e seguir os ensinamentos da Lei de Deus que é perfeita e refrigera a alma (Salmo 19). Crer que a criação é obra de Deus e não produto de uma explosão cósmica, é ter a certeza de que a realidade e a existência têm sentido. Destarte, importa crer que Deus não somente criou, mas sustenta a sua criação.³¹ Também, crer que uma fraternidade é possível aqui e agora, pela ação de corações generosos. Crer que organizar as diferenças é fator básico para o surgimento de uma sociedade segundo o modelo da Santíssima Trindade, porque Deus age de modo trinitário.³²

Uma sociedade com o perfil fundamental da Trindade, retrata que o ato criador encontra natureza e sentido nas Três Pessoas Divinas, numa ação de profundo amor, na própria consignação de criar tudo com seu fim determinado. Assim, criar não é ato de apenas uma das pessoas, mas é comum à Trindade.³³ Deste modo, todo elemento criado participa de uma perfeição, que em si mesma traz um testemunho, uma marca, pelo fato de existir. Em face disso é que toda a natureza deseja sua perfeição, sua plenitude de ser na condição de que tudo o que foi criado é bom. A ordem de uma estruturação da obra no coração de uma crença convicta, regula uma positividade de cunho eclesial e simbólica. Desta forma, se pode perceber um direcionamento à maturidade de toda a realidade existencial. Esse desenvolvimento procede do *Pai* que está sempre atento ao Reino. O Reino é anunciado e vivido na pessoa do *Filho*, que de modo dinâmico, em obediência, cumpre todos os desígnios salvíficos do Pai na história. O Filho age no *Espírito*,

³⁰ GISEL, P. **Croyance incarnée**, pp. 34-37. “La révélation appelle et détermine un fait de croyance ou de foi, de confession ou de réponse.”

³¹ Cf. GISEL, P. **Création et Eschatologie**, pp. 678-680. La providence de Dieu (...) s’oppose à la fortune; par là, Dieu montre qu’il prend soin de son oeuvre. La providence de Dieu est liée à la <<faveur paternelle>> de Dieu.

³² Cf. GISEL, P. **La subversion de l’Esprit**, pp. 147-153.

³³ Cf. GISEL, P. **La création**, pp. 161 ss.

que determina o processo dinâmico de uma nova realidade, agindo no coração do mundo e do ser humano.

É pela fé que entendemos que a criação é dom, oferta de Deus ao ser humano em graça. É ação de um Deus relacional, que mesmo sendo diferente de sua criação, se relaciona com ela. O Deus Trino em sua postura de relação, exige que se tenha o perfil também relacional. E, é desta forma que a Teologia trata do mundo sob o plano básico de uma alteridade. Alteridade impressa pelo Criador.³⁴ A relação trinitária, que é traduzida por alteridade, é o melhor modelo para se obter uma melhor sociedade, onde as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas e a fraternidade exercitada.³⁵

Uma vez que se verifica uma dinâmica através de dois pólos, o polo pneumatológico, numa relação com o polo cristológico, pode-se refletir à luz de uma configuração profundamente soteriológica e integradora, que o Espírito Santo foi missionado para nos santificar e reconduzir tudo ao Reino da Trindade.³⁶ Assim, nos possibilita ter uma nova comunidade, não mais marcada pela opressão, mas pela liberdade do Espírito, no sentido de que toda vida não execra a criação, mas reproduz outra vida, em benefício do mundo e da história.

A Santíssima Trindade é a melhor comunidade.³⁷ Não existe somente a comunhão e a comunidade trinitária, ensimesmada, mas junto com ela está a comunidade humana, sempre convidada a participar da comunhão divina.³⁸ A partir do ser e do agir da Trindade, surge uma nova comunidade na terra. Já se observa nos Atos dos Apóstolos que, mesmo a Igreja tendo as suas dificuldades, se diz também que os cristãos tinham tudo em comum (Atos 4.32-35). Daí não haver nenhum necessitado entre eles. Esse relato contido na Sagrada Escritura tem por natureza e propósito mostrar como deve ser, por exemplo, a Igreja. Sendo a Igreja praticante desse requerimento, pode fazer surgir uma sociedade com esse perfil. E, é esse mesmo o desejo que atinge a todos, mas por outro lado, existem os impedimentos internos, causados pelo pecado no interior das pessoas.

³⁴ Cf. GISEL, P. *La création*, pp. 164 ss.

³⁵ Remete-se o leitor à obra de BOFF, L. *A Trindade e a Sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999⁵. 296p. Cf. também essa mesma obra numa linguagem mais compreensível. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999⁶. 183p. (Cf. pp. 13-46). Nesta obra o autor na parte introdutória, faz constar um esclarecimento que muito nos chama a atenção para alguns pontos fundamentais, que combinam bem com o que Pierre Gisel trata.

³⁶ Cf. BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 68.

³⁷ *Ibid.*, pp. 96-97.

³⁸ *Ibid.*, p. 96.

Mesmo considerando a individualidade de cada pessoa, como é percebida na Trindade, surge, portanto, uma nova comunidade, difundindo o respeito à própria individualidade, mas havendo a mútua entrega na realização do bem com objetivo comum. E a insistência em prol da obediência para se configurar uma nova sociedade tem de perfazer o caminho do Deus Trino, que passa pelo humano, segundo o perfil do Filho de Deus. O homem é a linguagem de Deus, e a Bíblia é uma antropologia de Deus, antes que uma teologia do homem. Por isso é que a Palavra é a única força que o homem tem no seu exílio.³⁹ Com base nesse fundamento a fé proclama que, através desse processo, o homem é propriamente criado ou mesmo recriado. Isso significa a profunda marca de sua individualidade que tem uma carga mais completa, que o torna pessoa e sujeito na história. Sendo desta forma, a Teologia sustenta que o homem é unicamente existente, pessoa, realidade concreta e limitada, inserido num movimento de recapitulação interna, sem deixar de relacionar-se com a realidade que o cerca.

Nessa nova linguagem que se tem de empregar, não por uma imposição de forma autocrática, mas por amor e no espírito de verdadeira liberdade, pode ser entendida através de uma conexão entre criação, encarnação e acabamento final.⁴⁰ Isso tem a ver com o enfoque aduzido, sobre o que acentua a natureza e a finalidade de uma obediência que dinamize uma ação para se imprimir uma nova realidade. E essa ação, sendo própria do humano, impulsionada pelo Espírito, faz revelar o homem como ser histórico e relacional. Um ser profundamente inserido e refletido em exterioridade. Dar-se, portanto, o evento do homem em termos de sua vocação, relacionada sempre com a obra criadora de Deus. Esse evento, em sua plena realização, torna a história mais dinâmica e atraente, no sentido de fazer que todos possam participar, sem objeções, onde cada um assuma o seu papel de sujeito histórico.

Ao ser tratado em teologia sobre a obediência em exterioridade, do homem em relação a Deus, a si mesmo e a tudo o que está ao seu redor, numa ação sempre relacional, pode-se acentuar um verdadeiro humanismo. Esse humanismo focaliza a existência humana tomada de um significado para junto do universo, conduzindo-o a um destino cósmico. Essa é uma articulação que assume uma

³⁹ GISEL, P. *La création*, p. 87.

⁴⁰ Cf. SMULDERS, P. *A Visão de Teilhard de Chardin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969, pp. 152-159. Este é o título do Apêndice II da obra citada.

excelência que faz ver o homem na função de representante de Deus. É por isso que a existência humana é portadora de um significado junto ao universo, na configuração de seu presente histórico. Configuração que tem base no Deus trinitário que criou todas as coisas; um Deus em que a alteridade recíproca do Pai e do Filho é plenamente mantida. E, por se histórico, Jesus Cristo veio a este mundo, inscrevendo-se na história dos homens, com todas as suas contingências.⁴¹

A obediência como ação para uma nova realidade tem de comportar em essência, natureza e missão alguns elementos que são fundamentais: alteridade, corporeidade e contingência.⁴² Nesse intuito não cabe pensar em utopias, porque o horizonte que foi aberto pela dimensão cristológica, na ação pneumatológica, faz surgir concretamente o Reino do Pai, onde se pode encontrar o verdadeiro sentido de uma vida em exterioridade. Essa vida é uma vida histórica, organizando as diferenças, sempre se reportando a Deus, real sentido da existência, no serviço abundante ao outro. Essa é uma prioridade acordada na dimensão de um Deus como Outro. Um Deus que não se retira do mundo, mas faz que suas criaturas participem da realidade criada, em positividade e pela organização das diferenças na história, como responsabilidade a ser assumida conscientemente.

A noção de obediência confirma a vida cristã, qualificando-a como vida de serviço, que é o ponto solidário mais alto de uma vida concreta.⁴³ Na obediência o cristão é o espelho de Jesus, porque é através dela que há a reivindicação de Deus sobre o mundo. O esquema senhorio-obediência percebido na vida de Jesus, indica em efeito, que o crente não é possuidor de sua própria origem, nem de sua identidade definitiva. Se a fé é obediência, logo ela remete a um protótipo: Jesus é por excelência o “obediente”. Isso quer dizer que a inauguração de uma nova criação, se dá através da obediência, que é uma maneira de organizar a terra. E, para que isso se torne concreto, pelo serviço de Jesus, configura-se a comunidade do destino. A referência de Jesus qualifica a nossa existência mediante três aspectos: obediência, serviço e seguimento. Depois da obediência, segue-se o serviço, como marca distinta da vida cristã, conforme Jesus viveu, servindo ao pai no serviço às pessoas.

⁴¹ GISEL, P. *La création*, pp. 281 ss.

⁴² *Ibid.*, pp. 285 ss.

⁴³ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 334-347.

5.2.3

O serviço como estado do discipulado cristão

Afirmar o homem como *representante de Deus*, não significa que ele seja Deus, pois há uma assimetria estabelecida entre o divino e o humano, em termos de natureza e essência. Ser representante de Deus é ter uma mente aberta, e em obediência ao mandato cultural ordenado pelo Criador (Gênesis 1.27-28), servir de boa vontade, através de uma existência de fé e no espírito de verdadeira liberdade e adoração. O cristianismo em sua mensagem no mundo a ao mundo, interpela o crente a viver o que Pierre Gisel denomina “*croyance incarnée*” (crença encarnada),⁴⁴ que é a ação concreta da fé cristã, jogo efetivo e em si legítimo, que polariza todos os caminhos da existência.⁴⁵

Uma crença encarnada tem a ver com o serviço, que é o estado existencial do discipulado cristão. É uma vida engajada na história. Pois tem de ser deste modo, uma vez que o nosso tempo é manco em termos de espiritualidade. O nosso mundo está repleto de uma série de confrontos diversos e de uma consciência que se acha surda diante da realidade. Existe de fato uma parte duvidosa, em termos de não haver uma credibilidade. E a Igreja, no intuito de falar do Espírito, na tradição ocidental, por exemplo, aparece fraca acerca dessa matéria. Por quê? Porque se confiscou ou se domesticou o Espírito de Deus. O Espírito foi sendo inteira e profundamente relacionado através de feito mais direto e mais reduzido a um fundamento antecedente, autorizando e estruturando as mentes. E, esse fundamento foi pensado em registro principalmente cristológico ou eclesiológico, com o duplo risco de idolatria, que se escondeu numa teologia cristã. Produziu-se uma reflexão teológica ameaçada de redução a uma cristolatria ou a uma eclesiolatria.⁴⁶ O que se tem como resultado é uma espiritualidade de cunho mais intimista e narcisista, produzindo não um compartilhar da fé em termos de comunidade, mas de uma individualidade. O indivíduo somente pensa em si.

⁴⁴ Cf. GISEL, P. **Croyance incarnée**, 166p. “Croyance incarnée. Il sera question ici de la foi. De son expression et de sa validité, de sa visée et de ses déviations, de son refolement et de ses revanches secrètes, de ses métamorphoses possibles comme de son caractère peut-être incontournable. Il sera aussi question de son incarnation, de son inscription en une économie (un ordre positif et historique), particulière comme toute économie: le régime chrétien.”

⁴⁵ Cf. GISEL, P., **Faire face aux pluralités religieuses**, pp. 193-194.

⁴⁶ *Ibid.*, pp. 207 ss.

A postura que tem de ser exercitada para uma tomada de consciência, como resultado do pensamento de Pierre Gisel, é a proposta de uma vida engajada, uma fé encarnada, que compreende em sua essência o seguinte quadro:⁴⁷

1. **Quanto ao estado religioso ou a espiritualidade.** Está no ato de reconhecer como uma dimensão própria da vida humana, diferente da ciência, da moral ou da estética, por exemplo. Mesmo que estas dimensões no concreto das coisas, interfiram umas nas outras. É preciso saber reconhecer e desdobrar a realidade dessa dimensão religiosa ou espiritual.
2. **Quanto aos aspectos cultural e histórico.** O aspecto religioso ou espiritual sobressai no âmbito cultural e também da história. Num melhor sentido, na realidade humana. O aspecto religioso é reconhecido pela sua riqueza histórica, cultural e existencial.
3. **Quanto a uma releitura da tradição cristã.** Acerca da base de uma diversidade histórica e cultural do religioso de uma parte, e de toda uma consciência de outra parte; da irreduzível diferença querida entre a interrogação sobre a *verdade* mesma – verdade de *Deus* -, haverá de se fazer um esforço, para se proceder a uma releitura da tradição cristã, e mostrar em que ela aporta uma iluminação no coração da situação presente da humanidade.

O ato de reconhecer e fazer frutificar a reflexão cristã, tem o objetivo de procurar mostrar a sua riqueza, no grau de uma história irreduzivelmente diversificada. É justamente através dela que se jogam, ao mesmo tempo, uma carga do aspecto religioso, parte integrante do humano nas suas formas estritamente concretas, através das institucionalizações, do discurso e de práticas. Esse modo de existir constitui-se um esforço que é sempre retomado e apresentado como testemunho do absoluto de Deus, considerado como testemunho da tradição legitimamente cristã.

⁴⁷ Cf. GISEL, P., **Faire face aux pluralités religieuses**, pp. 208-210.

Uma fé encarnada tem por objetivo mostrar que no estado de nova criação o homem participa, como no estado de *novo Adão*, através de uma ação diaconal.⁴⁸ Esse novo modo de ser em Jesus Cristo, denuncia que o homem não tem uma existência autônoma. A sua existência é sempre tomada a partir do mundo, porque o corpo figura como uma parte do mundo, e o homem criado por Deus não existe a partir de suas próprias decisões, mas como projeção de um mundo cósmico.⁴⁹ Desta maneira, encarar o homem por ele mesmo, reduz a Teologia ao único domínio das decisões individuais, privadas, que são frutos de uma redução tremendamente mentirosa e de um idealismo que, por ser frequentemente inconsistente, não é nada menos que profundamente enganoso.

Para que se possa entender bem a postura de uma vida engajada na história, torna-se bastante oportuno afirmar que a fé cristã descobre Deus, não nas suas vantagens que são buscadas por muitos, com alta intensidade, mas ao contrário, somos chamados a uma radical encarnação. Encarnação é serviço, é ação histórica. É justamente aqui que se compreende a finalidade da Teologia. A Teologia em sua situação de êxodo e não de possessão. Ela está a caminho. Não está isolada da cruz. Uma *Teologia crucis* não invalida de todo jamais a questão de uma teologia da história e da criação. É uma teologia que torna a existência cristã se desenvolvendo não sem a cruz. Entretanto, ela não termina de maneira nenhuma por um apelo a suportar unicamente as desgraças do tempo, mas alia, ao contrário, a condição cristã para a soberania do Crucificado, de um estatuto de esperança; esperança que se fundamenta e culmina na ressurreição.

O serviço cristão como estado do discipulado, bem como da nova criação, é prova e testemunho da verdade. A responsabilidade concreta, por aqueles que exercem a fé no tempo e no lugar determinados, tem como significado o lugar marcante da vocação cristã. E, fora de uma tomada dessa obra de serviço, fora dessa efetivação determinada que se indica como estilo de vida concreta, faz que o Evangelho seja estritamente nada; torna-se despojado de toda significação, de toda pertinência e de toda realidade. Pode-se afirmar concretamente que o serviço é a única atitude legítima do Evangelho. Assim, é preciso que haja uma unidade no

⁴⁸ Cf. GISEL, P., *Vérité et Histoire*. Genève: Labor et Fides, 1977, pp. 293-310.

⁴⁹ Remeto o leitor à obra de BOFF, L., *Saber e Cuidar*, pp. 71-86. O que esse autor trata tem muito a ver com o assunto evidenciado por Pierre Gisel.

Corpo de Cristo, onde esteja subjacente a identidade do Cristo, pois sem ela não pode existir um verdadeiro serviço cristão como testemunho da verdade.

É profundamente interessante como se pode pensar a fé a partir de suas reflexões com base bíblico-teológica. A fé é vista como ação.⁵⁰ E o serviço é a figura concreta, encarnada, que se prende à reivindicação de Deus sobre o mundo. Os dons do Espírito que aparecem no Novo Testamento são possibilidades de serviço, realidade configurada em que todos podem participar; todos podem tornar a fé concreta. O Espírito de Deus nos coloca literalmente no serviço; no serviço terrestre e inteiramente concreto em sua forma mais profunda. Assim, nós temos de servir a Deus na profanidade do nosso cotidiano; na profanidade do mundo; isso quer dizer, em sua exterioridade.

A noção de serviço como característica do discipulado cristão, remete a uma realidade inteira e profundamente cristológica. Jesus aparece qualificado para o serviço em todos sentidos, segundo os relatos dos evangelhos. Jesus é o Deus que veio para servir. E, ele, concomitantemente, ordena à sua Igreja o serviço a Deus no amor ao próximo, pois viver em liberdade sem entender radicalmente a vida de serviço é ignorar a própria vida cristã. O cristão representa a Cristo no serviço que presta, enquanto o Espírito autentica o serviço evangélico específico. É na força do Espírito de Deus que a pessoa cristã, engajada no Corpo de Cristo que é a Igreja, concretiza a fé que uma vez por todas foi dada aos santos no mundo.

A atitude de seguir a Jesus tem uma implicação profunda na organização da comunidade de destino que é a Igreja. Tem a ver com discipulado.⁵¹ Sobre o discipulado, não se entende primeiro a indicação de um remeter a um certo modelo ideal, porém o de marcar a condição exposta do crente. A existência do crente é exposta à realidade, ao sofrimento e à morte. Em vista de tal proposição, o que se considera no atual momento sobre seguir a Cristo, não tem o significado de se conquistar bem materiais em abundância. Assim, se pode identificar uma vida cristã, segundo esse modelo. Mas, é preciso entender que a vida cristã é vida engajada, de serviço histórico, de militância contra tudo o que faz degradar a vida e a sensibilidade para com o Criador. Tem a ver com a configuração de uma nova criação; tem um sentido comunitário, social, e não com um certo narcisismo espiritual, com alto grau de poder energético.

⁵⁰ GISEL, P., *Vérité et histoire*, p. 329.

⁵¹ *Ibid.*, pp. 341-357.

O ato de seguir a Cristo encontra lugar sob o signo da cruz. Esta noção de discipulado é profundamente teológica. A recusa de um sistema de garantias ideológicas ou religiosas, chama em contrapartida a uma existência sob o signo da intinerância e do êxodo; inserida no ato de fazer-se responsável no mundo, que não deve ser abandonado, mas transformado. Assim, o discipulado tem em muito a ver com uma solidariedade radical com o mundo e sua história.

É importante retomar as noções de obediência e de serviço, juntamente com a de discipulado, de seguimento. Sublinha-se que a verdade cristã se inscreve necessariamente no coração do mundo, em toda a sua espessura de caráter humano, no projeto político, cultural e social.⁵² Esta base está contida no fato de que no coração do próprio Evangelho está inscrita a palavra de justificação, em que é primeira a justificação dos homens sem Deus. Esta justificação que se institui, apresenta uma solidariedade fundamental com o mundo. Assim, a solidariedade é uma necessidade de fato, e não um imperativo moral. Ela tem de estar atenta à criação inteira, porque a própria criação aspira pela libertação dos filhos de Deus (Romanos 8.19 ss.). Ainda, a solidariedade é profunda, porque o cristão partilha do mesmo destino corporal de toda a criatura, no sentido de que todos passam pela morte. Todos são solidários no evento da morte.

Essa chamada de atenção nas reflexões de Pierre Gisel visam mostrar que a existência cristã não deve ser marcada por uma linha doceta, distante da realidade e dos que sofrem. A solidariedade é sempre a solidariedade com a criação. Afirma-se que a fé vive de sofrimento e de esperança. É em face desta verdade, que se destaca o serviço como estado do discipulado cristão. O cristão se engaja no seguimento de Jesus, no coração do mundo, com seus riscos e perigos como seu Mestre. É desta forma que a Teologia se ocupa da salvação hoje, relacionada a uma história passada e determinada. Isso tem a ver com a cristologia, que qualifica o discurso cristão, na caracterização que dimensiona a estrutura permanente de uma existência de serviço. É aqui que se relaciona a cristologia com a eclesiologia. E a eclesiologia, relacionada com a antropologia se constituem duas variantes de uma mesma posição soteriológica. Todavia, é preciso lembrar que, a cristologia indica um novo começo e não uma ordem primeira das coisas somente.

⁵² Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 344 ss.

5.2.4

A realidade cúllica como expressão de vida

A realidade cúllica como expressão de vida que se apresenta como reflexão, tem sua base assegurada no fato de que Jesus Cristo, sendo a imagem de Deus, restitui para o ser humano a imagem perdida desde Adão. Sendo desta forma, não cabe uma oposição entre culto e cotidianidade.⁵³ A prática concreta do cristão no mundo de todos os dias, deve se constituir uma ação segundo dois termos: engajamento no serviço profano que define e sustenta a figura evangélica de Deus no mundo; e o culto verdadeiro, rendido a Deus, como modo de reconhecimento de sua ação criadora, salvífica e providente. O culto, que é realizado na vida cotidiana do mundo, é visto como marca distinta de uma expressão vital, entre Deus e seu povo.

É no culto que o crente toma consciência de sua vocação; de seu chamado; de sua responsabilidade. O culto é parte qualitativa e inspiradora, que prepara o crente para uma vida de obediência, de serviço e de seguimento.⁵⁴ Faz que a pessoa não ultrapasse seus limites na condição de nova criação em Cristo. Ultrapassar os limites é não respeitar uma realidade assimétrica ou uma distância que existe entre o divino e o humano. A liberdade que o novo homem recebe é para servir concretamente. Este é o verdadeiro caráter da liberdade cristã, formando um conceito altamente envolvido por uma responsabilidade, como concretização do Evangelho.⁵⁵

O culto é a expressão em que a pessoa se apresenta e participa como corpo, numa compreensão da liberdade cristã, na percepção de Deus totalmente Outro. É

⁵³ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 330 ss.

⁵⁴ Considera-se como profundo o pensamento de TILLARD, J. M. R. **Chamado de Cristo... Chamados do mundo**. [Tradução: José Fernandes]; São Paulo: Paulinas, 1980, pp. 78-81. Essa aventura mútua, em que Deus estabelece uma Aliança com o homem, realiza-se em dois planos, estreitamente conexos. O primeiro desses planos é o mais misterioso, mas também o mais radical. É nele que se cumpre aquilo que o cristianismo considera como a sua mais preciosa verdade: Deus quer introduzir o homem em sua familiaridade, a tal ponto que ele não seja mais simplesmente o Criador e tampouco o Redentor, mas Deus-com-o-homem. Daí provém o nome cristão de Deus. Essa familiaridade atinge um tal realismo que um filho dos homens, Jesus, é também o Filho de Deus no mais profundo do seu ser. Ora, todo o Novo Testamento afirma que a vocação de cada homem é comungar de alguma forma com essa misteriosa identidade do Filho-de-Deus-feito-homem... A partir do momento em que um cristão toma consciência disso, sente-se impelido a dar à adoração um lugar privilegiado no centro de seu engajamento em pleno mundo, por mais realista que ele seja...

⁵⁵ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, p. 331s.

a identidade que o Evangelho apresenta, na manifestação de um Deus que age concretamente na história e se interessa pela sua criação. O culto é o serviço que o crente deve participar sempre, em obediência, nos limites da historicidade precisa do tempo e do lugar, dos quais o serviço cristão se desenvolve na condição de corpo, sob uma dimensão profundamente espiritual e verdadeira.⁵⁶

Quando o cristianismo fala de ressurreição, fala a propósito de Cristo, ressuscitado ao terceiro dia. Fala também das últimas coisas e do destino último do ser humano na confissão de uma ressurreição do corpo. É um momento novo na história que se atualiza no cotidiano, na recapitulação da história da salvação.⁵⁷ É no culto que se toma consciência dessa realidade, pois se constitui o momento de oferta a Deus através do corpo, em esperança e expectativa. Isso porque Cristo está presente como Senhor ressuscitado. Assim, é momento em que se reconhece o que Deus é e não apenas o que faz. Tem a ver com adoração que é o ato de reconhecimento da presença de Deus e de seu governo. A adoração cristã se abre à ação livre e soberanamente amorosa do Senhor, o que indica não poder haver uma monopolização e manipulação da divindade por qualquer ação de qualquer ser humano; mesmo aqueles dotados de dons especiais. Desta forma, se percebe Deus em sua livre ação, na expressão mais exata do evangelho segundo João (4. 24).

O cristianismo trata da presença de Jesus Cristo ressuscitado, e na expressão inspiradora do culto isto se faz perceptível. É na proclamação da Palavra e na correta celebração dos sacramentos que a Igreja se mostra como verdadeira.⁵⁸ É o momento de celebração da memória. É justamente no culto que acontece a lembrança de um passado ou de um momento de instituição, de confissão de uma história. Mas essa celebração não se relaciona apenas com um passado. Ela confessa uns gestos presentes, que diz sobre o significado desse passado, o qual não está superado e nem morto. É também um gesto presente porque confessa uma existência pessoal e comunitária, cujas coordenadas fogem do desenrolar-se linear da mera temporalidade. Faz perceber uma existência como emergência intensa, irredutível e específica, que atesta por si mesma o fracasso da morte.⁵⁹

⁵⁶ Cf. GISEL, P., *Corps et esprit*, pp. 7 ss.

⁵⁷ Remete-se à obra de VON ALLMEN, J. J., *O culto cristão*. São Paulo: Aste, 1968. 403p.

⁵⁸ Cf. a postura de CALVINO, J. *As Institutas*, I, pp. 83-111; IV, pp. 137-148; 259-399.

⁵⁹ Cf. GISEL, P., *Vérité et tradition historique*. In: *Initiation à la pratique de la théologie*, pp. 145-147.

Quando no culto se celebra a memória, dando-se a lembrança de um passado e a instauração de um presente, não se prende a isso apenas. É também uma realidade cültica marcada por um desígnio de futuro, que significa: profecia, gesto de esperança ou de confissão de uma promessa. Destarte, passa este a ser um tempo e gesto de tradição, um gesto de advir, em que são revelados uma transcendência, uma finalidade e um gesto escatológico. Abre-se um presente e uma visão voltada também para um futuro, tornando-se um momento de decisão. É um lugar de decisão e de tomada de palavra. O passado passa a ser assumido de modo produtivo, e o presente é articulado em perspectiva dinamizante.

Essa dinâmica cültica é desenvolvida, mediante o que Pierre Gisel denomina de *a memória como estrutura teológica fundamental*, através da síntese:⁶⁰

Trata-se aqui da memória como lugar central onde se junta, numa perspectiva cristã, a identidade do homem, no coração do tempo e para além de um <<esquecimento>> originário. Mostra-se como a <<polaridade cristológico-pneumatológica>> própria da doutrina cristã ilumina esse momento. Indica-se, enfim, como a memória também se torna inscrita nas realidades antropológicas gerais, antes de esboçar certos incidentes da orientação proposta no terreno propriamente hermenêutico.⁶¹

Por que a memória é essa estrutura teológica fundamental? Porque fazer memória não significa repetir um passado, nem assegurar uma linha de pura continuidade. O fazer memória se inscreve profundamente no que se passa e no que pode subverter de certa maneira, em relação à lei de morte. Não deixa de reconhecer e confessar basicamente uma identidade com Jesus de Nazaré. Essa ação organiza a vida cristã mediante dois pólos: o polo cristológico e o polo pneumatológico. É uma realidade que remete a Deus de uma parte, como transcendente, e, a uma tomada de carga em relação à humanidade. É uma realidade concreta do outro, de forma natural e histórica.

Fazer memória é inscrever o presente numa estrutura diferenciada e articulada com um mundo propriamente histórico. É uma estrutura de dimensões irreduzivelmente institucionais, culturais e religiosas. Ainda mais, fazer memória remete a um momento exterior e estruturante, e por sua vez inscrito numa

⁶⁰ Cf. GISEL, P., La mémoire comme structure théologique fondamentale. In: **Revue de Théologie et Philosophie**, 125, pp. 65-76.

⁶¹ Ibid.

consistência e desenvolvimento de uma história. É o exercício fundamental de reinterpretação da realidade, reconhecendo e respeitando a transcendência de Deus, e também a sua relação com a criação. Estas premissas são partes constitutivas para uma tomada de consciência em relação ao culto como expressão de vida, e a vida como expressão de serviço no mundo.

Ao serem consideradas essas posturas em relação ao culto, não se deve, portanto, identificar e considerar o cristianismo através de celebrações estranhas, que nada têm a ver com a sua essência e natureza. Culto cristão é culto em espírito (João 4.24); é culto racional (Romanos 12.1). É acontecimento em que as realidades do corpo e do espírito são profundamente marcadas, operando dinamicamente sob o agir do Espírito de Deus que é santo. Possui a determinação da realidade da encarnação de Jesus Cristo, numa dimensão experimentada no espaço eclesial, em instituição da Palavra e da realidade sacramental. Assim, se percebem a realidade do corpo e a realidade do espírito. Culto em espírito e verdade, quer dizer espiritual e verdadeiro em sua magnitude.

As realidades do corpo no cristianismo mostram a encarnação ou o mistério cristológico.⁶² A fé cristã confessa que em Cristo, Deus se revelou no meio da humanidade. Deu-se uma inscrição na carne, tomando lugar no drama da existência humana. É esta a mensagem da Igreja no culto e na sua existência: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai” (João 1.14). Assim, para o cristianismo, a revelação é aquela de Deus, de Deus como tal. Mas, é ao mesmo tempo revelação do homem e do mundo, na sua mentira e na sua verdade. O homem fechado em si mesmo, na sua mentira, numa dimensão de morte, tem o privilégio de ter Cristo na sua vida, com suas palavras e seu destino, e ao mesmo tempo revelação de Deus, que restitui o homem ao mundo através da verdade.

5.2.5

A vida plena acima da mediocridade

A vida que se torna plena na história é a que foge de qualquer traço de mediocridade. Quem quer que tenha em vista essa plenitude tem de experimentar

⁶² Cf. GISEL, P., *Corps et esprit*, p. 17 ss.

uma abertura de mente, a fim de perceber a realidade. Precisa exercitar a obediência como ação dinâmica para uma nova realidade. Uma obediência que seja caracterizada por uma vida de serviço, de engajamento, como estado natural do discipulado cristão, segundo ensina o Novo Testamento. E, a palavra neotestamentária tem como paradigma central a palavra de Jesus Cristo. Jesus Cristo é o Deus que se humanizou, ou seja, fazendo-se um dos membros da raça humana. Para que um discipulado marcado por obediência se constitua uma efetividade da vida da pessoa humana, tornando-se uma vida plena, é profundamente necessária a experiência cúllica. O culto é expressão vital. É no culto que se reconhece a vontade do Criador, no momento em que há o envolvimento pela Palavra e pelos Sacramentos. Todas as pessoas são chamadas por Deus para terem essa experiência, sem a qual a vida torna-se desprovida de sentido.

Como se pode definir a mediocridade? Mediocridade é qualidade de medíocre; é a falta de mérito. Mediocrizar-se é não desejar a vida plena, que sem fé se projeta no mundo, não demonstrando o verdadeiro sentido do que é em si a existência. A vida é dom concedido pelo Criador. E, uma pessoa medíocre, experimenta uma vida sem relevo, ordinária, vulgar e mediana. Não foi para isso que Deus deu a vida como dom.

Uma vida plena é uma vida de representatividade. O que significa ser um representante?⁶³ Primeiro é preciso tomar consciência da excelência de Jesus Cristo. Ele representa Deus entre os homens e o homem diante de Deus. Desta forma é também cada um dos seus discípulos, ou dos seus apóstolos. É importante saber que *representa* e não substitui.⁶⁴ Todos os cristãos são representantes de Cristo (2 Coríntios 5.18-20). A vida do discípulo é como a de seu Mestre (Mateus 10.24-25). O representante não ocupa o lugar do ausente, mas unicamente o faz por delegação.

Existem **três ordens sobre a representatividade**,⁶⁵ que têm de ser sempre lembradas para quem deseja viver uma vida engajada na história, fugindo de toda e qualquer sorte de mediocridade:

⁶³ Cf. GISEL, P., **Vérité et histoire**, pp. 380-395.

⁶⁴ P. Gisel buscou inspiração em E. Käsemann, sobre o tema da representatividade, cf. **Vérité et histoire**, pp. 380 ss.

⁶⁵ Cf. GISEL, P., **Vérité et histoire**, pp. 380-395.

A Primeira ordem: Supõe um tipo particular de presença ⁶⁶

Não quer dizer uma presença alternativa, mas uma presença satisfeita em si mesma. Logo, a ausência é rigorosamente o seu contrário. É uma presença que remete a uma ausência no estado de presença. A representação não existe senão no ato de significar que um outro se faz representar. Porém, ninguém poderá se pôr no seu lugar. A própria presença está na representação. Ela impõe uma plenitude tal, que não pode significar um passado a evocar um futuro, mas que se satisfaz de forma positiva em ser para o que está adiante. Assim, se pode perceber uma instauração não-definitiva. Na representação a presença é oferta, dada aqui e agora, e portanto, ela se abre para um futuro que retoma seu discurso. Ela requer uma história que persegue sua obra, e portanto, ela não é pensada como provisória.

Segunda ordem: A historicidade da presença

Esta representa a sua própria consistência. Move-se unicamente sob o signo de uma realidade, que ainda uma vez, se move na instauração de uma presença que plenifica a realidade, e que se concretiza como presença na história, envolvendo a cultura no aspecto social, tanto de ontem como de hoje. Destarte, sustenta razões que se inserem um jogo da representação altamente diferenciada.

Terceira ordem: O tipo de relação que supõe o esquema da representatividade

Que relação se indica entre o homem e Deus, enquanto se trata de representatividade? É preciso observar que a fé vive no regime de ausência. Entre Deus e o homem existe a separação. Há, portanto, uma assimetria que deve ser respeitada. Deus é Deus, enquanto o homem é homem. O homem não é Deus; e Deus não pode ser reduzido apenas a ser homem, pois quando se pensa em Deus, se pensa também em sua essência ilimitada. Assim, falar de representatividade é manter firmemente um regime de separação, e esboçar a experiência apenas sobre uma base de relação, especificamente. Essa distância se joga finalmente como condição de uma relação que é verdadeira. É uma representatividade que interpela a uma legítima responsabilidade.

⁶⁶ Esse ordenamento não aparece nas obras de Pierre Gisel, todavia, foi sistematizada no presente trabalho para dar mais clareza aos aspectos que são fundamentais. Cf. *Ibid.*, pp. 380-395.

Essa representatividade torna a vida humana plena em sua trajetória, e aponta para uma existência rica e com sentido na história. É a vida que foi justificada por Deus em Jesus Cristo que participa de uma nova configuração. Configuração de uma justificação gratuita, que o homem nada pode fazer para obtê-la. É uma justificação que tem ligação com uma história da salvação. Salvação que está inscrita mesmo na criação, concretizada por Deus, através de Jesus Cristo. Uma justificação que apresenta profundamente a temática da verdade acerca de Deus crucificado. Esse é o estado da nova criação, como manifestação da graça e do perdão de Deus.

A justificação que qualifica a vida plena é vista da seguinte maneira: como a vitória de Deus sobre o mundo; como implicação num combate e num julgamento; que mantém a manifestação do senhorio de Deus; que antecipa o dom escatológico pleno e total; que participa do estabelecimento da justiça de Deus sobre a terra.⁶⁷ Destarte, se observa uma doutrina que se lança no coração de uma perspectiva global, aberta sobre o mundo e sobre a história. A justificação aparece, finalmente, como critério que permite se ler e tomar em consideração a nossa história.

Portanto, vida plena é vida que foi justificada por Deus em Jesus Cristo. É vida que participa, que representa Deus e não o substitui. É vida que se engaja na história com todas as suas peculiaridades. Assim, longe está de configurar-se como vida medíocre a pessoa que foi justificada pela ação dinâmica do Justificador, que é Deus em Jesus Cristo na força do seu Espírito.

5.3

Interpelações da realidade bíblico-teológica para hoje

A situação do mundo atual acha-se profundamente envolvida por uma multiplicidade de idéias. Muitos pontos de vista refletem e promovem mais empobrecimento em relação ao mundo e à existência humana, ao invés de conduzir a uma vida plena. O problema fundamental é que muitas idéias

⁶⁷ GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 392 ss.

conduzem a extremos, porque na realidade a maioria delas está dentro de um sistema com bases movediças. A própria linguagem tornou-se pobre, e as obras são produzidas apenas como um mero cumprimento de certas obrigações. O prazer se sobrepõe à razão; o lucro em detrimento da experiência de vida; a ganância aniquila o contentamento e todas as formas de progresso humano.

A experiência da humanidade está marcada pela tensão que flui da correria exacerbada por um sentido que possa garantir vida através do ter em detrimento do ser. Há uma crise, e esta tem a sua base na estrutura que implicou numa preocupação pelo que a pessoa tem, esquecendo-se do mais importante, que é o que se deve ser de fato, pessoa, gente, ser humano. Há uma certa percepção de que *ser humano* hoje não tem mais sentido. Pessoas só se aproximam de outras interessadas no que se tem, como posse material única de suprema importância. O que se tem, ou o que se poderá ter virou objeto de idolatria. Isso e muito mais chegou a ponto de haver um atropelamento, um passar por cima de todos os valores verdadeiramente considerados humanos do ponto de vista que a Palavra de Deus ensina. Percebe-se com clareza que a felicidade está bem distante de todos; parece que não há mais saída. O que é certo se torna errado, e o que é errado torna-se certo. É uma sociedade invertida. Dizem os cétricos: não tem mais jeito.

É para a nossa existência hoje, que a realidade bíblico-teológica interpela. Interpela a fim de dar sentido à vida humana, bem como à criação, através da divina Palavra. A Teologia tem uma responsabilidade com o mundo atual, sendo assim, urge que fale de modo claro, com uma linguagem sem confusão e que alcance as mentes de modo eficaz e preciso.⁶⁸ Ela é certamente uma disciplina interpretativa, e esse gesto visa responder às exigências de forma precisa.⁶⁹ A sua mensagem fala de salvação. E falar de salvação cristã é uma tarefa não muito fácil e que envolve uma complexidade.⁷⁰

Com o propósito de se alcançar o entendimento dessa complexidade, nas obras de Pierre Gisel analisadas até aqui, se pode perceber uma dimensão teológica da criação e salvação. E essa dimensão apresenta uma complexidade que

⁶⁸ Sugere-se que o leitor considere e reflita no que escreveu MIRANDA, M. F. **Inculturação da Fé**, pp. 87-104.

⁶⁹ Cf. GISEL, P., **La création**, p. 21.

⁷⁰ Remete-se o leitor à obra de MIRANDA, M. F. **A Salvação de Jesus Cristo**, pp. 14-15. “Falar de salvação é uma tarefa complexa e difícil. Pois essa realidade implica a pessoa mesma de Deus, como seu realizador e seu conteúdo fundamental. Pois a salvação é *salvação de Deus* e não

tem implicações na própria criação; uma criação que tem a mediação cristológica sob a dinâmica do Espírito. Nesse cenário, tem de sobressair a responsabilidade do ser humano, recriado em Jesus Cristo. Assim, a salvação apresenta-se com profundidade e abrangência, pois segundo a pessoa, a vida e a morte-ressurreição de Jesus Cristo, pode-se alcançar uma nova postura na história. É uma salvação que na história conduz o ser humano à vida plena e à verdadeira liberdade, para assumir o compromisso de cuidado em relação aos outros, bem como ao jardim de Deus que é o planeta Terra.

5.3.1

A salvação inscrita na criação

A fé cristã confessa e proclama uma salvação inscrita na criação,⁷¹ porque o cristianismo é contado, historicamente, a título de uma religião de salvação. Uma salvação que tem de passar pela mediação humana na história. Por isso é que os primeiros teólogos viram nos ensinamentos do Novo Testamento a verdadeira filosofia,⁷² com uma mensagem que apresenta o destino último e central do homem e da criação. Uma doutrina da criação é teologicamente correta, quando ela se apresenta como interpretação necessária de uma história e de uma confissão de fé, em ocorrência. A ocorrência da prática e da confissão própria da tradição bíblica, pelas vias judaica e cristã,⁷³ que tratam de uma realização da obra salvífica de Deus na história. Uma obra salvífica articulada mediante a ressurreição de Cristo e as manifestações do Espírito, marcando, portanto, uma ruptura entre os antigos sacrifícios e a nova era presente na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Assim, se cumpre a Promessa de Deus a todos os povos e a cada pessoa. Uma realização que se abre através de um regime histórico, numa tradição humana, de uma Escritura e de uma doutrina. Uma realização que toca o mundo de modo integral, atingindo-o em sua totalidade.

produzida pelos seres humanos, uma hipótese que privaria de sentido o próprio cristianismo, condenando-o a desaparecer.”

⁷¹ Cf. as obras de GISEL, P., **La création, Le Christ du Calvin, La subversion de l'Esprit e Un salut inscrit en création.**

⁷² É isso perceptível, quando se lê **Padres Apologistas/Introdução e notas explicativas:** Roque Frangiotte; [tradução: Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin]. São Paulo: Paulus, 1995. Patrística. 311p.

⁷³ GISEL, P., **La création**, p. 22; Cf. também: **La subversion de l'Esprit**, pp. 37-61.

O judaísmo e o cristianismo são herdeiros da mesma veia bíblica. Duas heranças diferentes e que formam um contraste. Porém, encarnam um feito de realização salvífica. O judaísmo é matriz do cristianismo; ambos contemplam a criação no coração de uma realização. O cristianismo como cumprimento do judaísmo, concentra em si o nome de Jesus Cristo. Nome que dá fundamento à nova configuração existencial. É única e exclusivamente no nome de Jesus Cristo que há salvação, e em nenhum outro nome (Atos 4.12). Jesus Cristo é o rosto de Deus para nós, e o representante do ser humano diante de Deus. Jesus crucificado é o poder e a sabedoria de Deus (1 Coríntios 1.23-24).

Ao mencionar o Novo Testamento o nome de Jesus Cristo, trata-se do maior e mais importante evento da realidade divino-humana. O *Evento Cristo*, conforme nos garantem os relatos evangélicos nos possibilitam ter um perfil que produz uma nova sensibilidade, uma percepção verdadeira do que se entende a respeito de Deus, da criação, do ser humano e da salvação. Esse evento, em sua origem, apresenta o perfil para o resgate da verdadeira maneira de existir na história, ainda que transtornada pelo pecado, sinônimo do afastamento de Deus e do próximo. O *Evento Cristo* nos possibilita ter de forma marcante: uma verdadeira concepção de Deus.

O que as pessoas venham a pensar de modo correto acerca de Deus se constitui um desafio para que a Teologia se posicione, não somente por um ângulo de transcendência, mas pelo de se incumbir e de formar uma consciência de práxis histórica. A Teologia no que concerne à sua própria definição tem a pretensão de ser palavra organizada, reflexão sobre Deus, que se constitui a questão fundamental da fé e da própria existência humana. Isso é porque Deus mesmo é o autor único e exclusivo da salvação. Logo, a salvação não pode ser produzida por homens.

Não se pode olvidar que o centro do fenômeno religioso em todas as religiões é Deus.⁷⁴ Deus faz parte das tradições religiosas de todo o mundo, ainda que a modernidade tenha tentado aniquilar todo o horizonte de compreensão acerca da divindade. O espaço da existência humana por muito tempo foi

⁷⁴ Cf. o que diz MIRANDA, M. F., **Inculturação da Fé**, p. 50 ss. “Afirmar que a ação salvífica de Deus só se encontra concretamente em suas objetivações de cunho doutrinário, cútico, ético, comunitário, artístico, estamos assegurando que a interpelação de Deus e a resposta do ser humano a ela acontecem, consciente e explicitamente, no interior de uma *religião*. Esta é uma realidade

preenchido e marcado pela concepção que levou a uma crise, e que jogou para longe o conceito de Deus. Daí, a pós-modernidade caminha sob vários pontos cambaleantes, que tentam desestruturar o que sobre Deus verdadeiramente se pode pensar e experimentar na trajetória da existência humana. Os tempos modernos no fundo, preconizam a desapareição mesma de Deus e de qualquer rastro de sua existência.⁷⁵ Passou-se a viver numa estrutura fragmentada por ideologias e práticas desprovidas de segurança que não são evocadas pela Palavra de Deus. Ao mesmo tempo em que o homem tenta se afirmar como um ser religioso, buscando parâmetros para a sua vida pelo exercício de uma fé em Deus, se mistura no emaranhado de ideologias, chegando também a certas conclusões providas de ambigüidades.

Conceber o que se deve pensar sobre Deus não pode partir de premissas elaboradas simplesmente pela imaginação humana. Uma imaginação despercebida de uma teologia que viabilize pensar na história e não acima dela; que é fruto de ensinamentos científicos sem contar um Deus pessoal e criador, e que a tudo dá vida. O que se pode denominar de uma boa teologia é a que não está aquém do processo histórico, mas em seu conteúdo inserida, tomando parte em todos os acontecimentos que se sucedem. Uma teologia que fale de Deus a todos sem distinção e de modo claro.

O *Evento Jesus Cristo*, verdadeiramente, se constitui a premissa mais forte para essa concepção. A divindade de Cristo e sua existência encontram base na ressurreição, logo, a fé na ressurreição de Jesus, desde que foi proclamada no dia de Pentecoste e depois deste, não vai simplesmente garantir consistência no que se crer dele, mas crer nele e esperar algo dele. O que se pode esperar é a *salvação*.⁷⁶ A fé na ressurreição de Jesus é fundamental para a existência da comunidade de fé. Jesus, segundo os relatos evangélicos, vai delinear tudo o que se pode refletir para se conceber acerca de Deus; destarte, tudo o que se crê de Jesus é depositado na fé.

complexa, difícil de ser definida com precisão, já que indica um fenômeno que pode ser abordado a partir de diferentes perspectivas, gerando, assim, compreensões diversas de si mesmo.”

⁷⁵ GISEL, P., *La création*, pp. 175-210.

⁷⁶ É muito importante a postura de MOINGT, J., *El Hombre Que Venía de Dios*, Volume II, p. 89. Esse teólogo tenta resgatar a partir da Cristologia segundo os relatos dos evangelhos uma concepção de Deus na História em sua ação trinitária, partindo de modo inverso segundo o que consta na tradição determinada pelos concílios da Igreja nos séculos de História da Igreja.

Jesus, através dos relatos do Novo Testamento, principalmente nos evangelhos, revela quem é de fato Deus. Deus é um Deus de amor, de pura misericórdia, não distante das pessoas, mas penetrando na existência humana a ponto de permitir que o seu próprio Filho se entregasse por nós. Segundo as Escrituras Jesus morreu pelos nossos pecados.⁷⁷ Esse acontecimento é revelador da novidade de Deus, de seu ser trinitário. Jesus foi vítima de expiação pelos nossos pecados. O que significa essa afirmação? Tem o seu significado no sentido de que Deus não quis que seu Filho morresse, não existiu nenhum propósito predeterminado a fim de que Jesus viesse ao mundo para morrer, mas foi a sua fidelidade ao Pai, a compreensão que passou a ter do que constava nas Escrituras, à semelhança dos profetas, entendeu que tinha de ir às últimas conseqüências no sentido garantir a nossa salvação. Jesus é o Deus que veio para servir. Deus é um Deus de serviço, porque ama profundamente e se interessa por suas obras criadas.

Apesar de toda a rebeldia de parte do povo do Antigo Testamento, e repetindo-se também na história posterior, Deus executa a sua paciência e amor. As vias da salvação implicam uma certa intuição de Deus, conforme a que se encontra nos profetas: Deus é tardio na sua cólera e cheio de misericórdia, é Deus de paciência e amor. Diante disso, constata-se que a morte de Jesus tem uma intenção profundamente salvífica, e Deus se vinga ressuscitando a Jesus dentre os mortos em benefício de todos. Logo, Jesus em sua trajetória dava a seus sofrimentos um sentido salvífico; sua morte convertida em ressurreição é obra do Deus de amor, que não contemplou a miséria humana desinteressadamente, antes exercitou o seu amor de modo integral e definitivo.

Utiliza-se a palavra *resgate* no Novo Testamento não em outro sentido, senão no que tange ao se fazer servo da classe social mais baixa. *Jesus não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*. Isso significa que ele veio dar a sua vida. Não através da expiação, mas de serviço à humanidade. Este pensamento teológico é importante para que se possa compreender quem é Deus segundo tudo o que Jesus realizou para a nossa salvação. Em João 13.12-17 consta o relato simbólico de lavar os pés, assim como o de compartilhar a Ceia Eucarística, expressa Jesus o sentido de sua vida e

⁷⁷ De modo claro e objetivo se percebe também em MOINGT, J., **El Hombre Que Venía de Dios**, Volume II, pp. 96ss. Esse teólogo descreve de modo profundo e indubitável o significado dessa entrega, revelando, portanto, o verdadeiro Deus que se entrega por amor à criação.

de sua morte, que enuncia a continuação das palavras que têm valor de testamento, portanto, salvífico e não expiatório. Nessa passagem o Deus que mostra Jesus não é outro senão o Deus de serviço à humanidade. A palavra do Pai é a missão, o mandamento confirmado a seu Filho. Jesus se entrega voluntariamente, por amor aos homens tanto quanto a seu Pai.⁷⁸

Uma salvação inscrita na criação, tendo como base a pessoa de Jesus, pode-se afirmar que é uma vitória do amor. Ele é o mediador da criação e da salvação, conforme o ensino neotestamentário (João 1.3; 1 Coríntios 8.6; Colossenses 1.16-18; Hebreus 1.1-4). Jesus conquistou para nós o direito de chamar Deus de Pai. Por trás dessa paternidade está tudo o que nos garante a vida plena. Não está ele distante da nossa história, antes caminha conosco, nos possibilitando vencer todas as adversidades.

Dentro dessa realidade, Jesus nos ensina a ter uma concepção de Deus como o totalmente outro; aquele que veio em nosso favor. Logo, somos colocados diante da verdade de que devemos amar uns aos outros, nessa nova condição, assim como Deus nos amou (João 13.34). O próximo é também um absoluto, pois está na mira do ensino marcante de Jesus. Portanto, respeitar o semelhante é respeitar a Deus. Pensar assim nos leva a refletir uma existência equilibrada. Também a resgatar o verdadeiro sentido de se conceber Deus na história, determinando parâmetros dimensionadores do relacionamento que encontra o seu êxito no comportamento ético, comprometido com as bases do Reino de Deus que é o serviço.

O conceito que a maioria dos fariseus do tempo de Jesus tinham acerca de Deus era o que eles mesmos achavam de si, quando exerciam o monopólio religioso no sentido de oprimir as classes mais baixas da sociedade. Mas, vem Jesus andando e comendo com os pecadores, mostrando uma nova identidade de Deus. Surge, portanto, um conflito entre o que se pensava acerca do Deus dos pais, tal como foi formado nas mentalidades e nas instituições religiosas do passado, e o que veio a existir historicamente através de Jesus de Nazaré. Era preciso crer em Jesus e reconhecê-lo como o revelador da novidade de Deus. Deus é um Deus que existe para os homens, que não os deixa sozinhos em suas misérias, e que trabalha a fim de que sejam mais humanos, unindo-os num laço de

⁷⁸ MOINGT, J., p. 115. De modo claro argumenta enfocando o *Dom* e o *Resgate*, que culmina no profundo amor de Deus pelos homens assumido por Jesus de Nazaré.

amor fraterno. Um Deus que quer fazer novas todas as coisas e se relacionar com os homens.

Essa reflexão remete Deus a um regime de encarnação; de genealogia; a um regime de alteridade.⁷⁹ Isso significa que a materialidade é algo que veio de Deus, e o ato de Jesus ser verdadeiro homem, indica que a humanidade encontra em si mesma, uma forte marca de uma teologia da criação e a passagem por um momento de revelação. A Escritura faz pensar em Deus como o totalmente *Outro*, e também uma realidade histórica. Destarte, podem-se observar diferentes noções com base nesse fundamento: a criação como a realidade; uma instituição inserida mediante uma aliança; e uma encarnação, como valor do humano. Para que Jesus se tornasse mediador da salvação, foi necessário fazer-se homem, pois ele é tanto mediador da criação quanto da salvação.

5.3.2

A nova criação em Cristo sob o dinamis do Espírito

Nova criação, sob a dinâmica do Espírito, tem a ver com a salvação; uma salvação inscrita concretamente na criação. Tem como base o *Evento Cristo*. As implicações do *Evento Cristo* na história têm seu alcance, no sentido de que faz destituir todos os paradigmas desprovidos de egoísmo e individualidade, sendo estes frutos da mente cauterizada pelo mau uso do desejo; desejo que se tornou idolátrico, tornando o homem causador de sofrimento no seu semelhante, e também na própria criação. Assim, a própria criação aguarda ser redimida, segundo Paulo aos Romanos 8.19-23:

A ardente expectativa da criação aguarda a redenção dos filhos de Deus. Pois a própria criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

⁷⁹ Cf. GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, pp. 33-37; *La subversion de l'Esprit*, pp. 144 ss; *Corps et esprit*, pp. 17-42.

Jesus Cristo é o revelador e realizador único da salvação.⁸⁰ Deus se revela ao vir ao nosso encontro para nos salvar, e assim o faz em Jesus Cristo. O discurso soteriológico não pode deixar de prescindir da salvação que se concretizou no Filho de Deus feito Filho do Homem. A obra da salvação se define a partir da pessoa e dos atos todos de Jesus de Nazaré. Ele se entregou por “nós”, segundo o que está nos textos neotestamentários: 1 Coríntios 15.3; 2 Coríntios 5.14; Romanos 8.32; Gálatas 1.4; 2.20). A expressão “*hyper*”, em grego, apresenta um significado profundo para a humanidade, com dimensões salvíficas profundas: *por causa de nós, por nós e em nosso lugar*.

O texto de Romanos 3.23-24 não é apenas um relato ou a simples informação da transgressão do homem como pecador, mas envolve aspectos teológicos e doutrinários, no sentido de que, como Palavra de Deus, o seu ensino molda e aperfeiçoa o caráter. “*Todos pecaram*”, significa o pecado definido como “transgressão da lei”. É a falta de conformidade com a glória de Deus. É o afastamento de Deus, e conseqüentemente o afastamento também dos outros seres humanos. O pecado aborrece a santidade de Deus e obscurece a vida humana. Até mesmo a natureza geme por causa do pecado. Diante disso, lemos em Paulo que “*Não há um justo sobre a face da terra*”. Destarte, somente a justificação mediante a entrega de Jesus Cristo por nós, nos assegura a redenção. “*Justificados*”, significa “declarados justos diante de Deus”, isto é, livres da condenação. “Justificar” era um termo legal que significava assegurar um veredicto favorável, absorver, vindicar, declarar justo, utilizado nos antigos tribunais romanos. Na Sagrada Escritura é um ato de Deus e não do homem.⁸¹ A justificação é oferecida pela salvação em Jesus Cristo, segundo o Novo Testamento.

A salvação em Jesus Cristo é vista mediante três pontos fundamentais:

1. Foi processada fora de nós (*extra*). É exclusivamente pela graça (*xáriti dià*). Não teve a participação do homem, por estar morto em seus delitos e pecados (Efésios 2.1-10). Só Jesus Cristo, sem pecado, pode realizar essa obra maravilhosa.

⁸⁰ Essa postura cristológica, também é percebida em MIRANDA, M. F. **Jesus Cristo, obstáculo ao diálogo religioso**. REB 57, fasc. 226, junho/1997, Vozes, pp. 253-264.

⁸¹ Cf. GISEL, P., **Le Christ de Calvin**, pp. 31-32.

2. Foi providenciada para nós. Em favor da humanidade, pois, é da vontade de Deus que todos sejam salvos (Romanos 3.29; João 3.16). “*Deus amou o mundo de tal maneira*”, esta é a mais profunda afirmação da história da salvação.
3. Foi realizada em nós (*intra*). É aplicada dentro do ser humano, gerando nele uma consciência alicerçada pela dimensão dinâmica do Espírito Santo, que nos faz compreender a suficiência da obra do Filho de Deus. Jesus Cristo é o “Emanuel”, o Deus em nós.

A intimidade de Jesus com Deus, em que Ele chamava o de Pai, seja pela sua obediência (João 5.30), seja pela atividade comum (João 5.19; 10.30), seja pelas suas palavras que são as do próprio Pai (João 12.49), demonstra ser este o amor de Deus pela humanidade. Daí ser Jesus Cristo a manifestação da bondade de Deus e de seu amor pelos homens e mulheres (Tito 3.4; 1 João 4.9). Amor realmente vivido no interior da história, de modo perfeito e definitivamente incondicional pelo ser humano.⁸²

Com base nessa salvação, o pensamento escatológico garante a espera de uma salvação para todos, não extra-histórica, mas intra-histórica como resposta positiva diante de todos os males que fazem a humanidade sofrer.⁸³ A salvação tem um sentido todo especial a ponto de encorajar o ser humano a viver diante de todas as realidades, onde se pode recuperar o que somos e aquilo que somos capazes de reconhecer como a causa de significado para nós mesmos e para os outros. Essa salvação é prometida ao homem como uma vida inteiramente nova. Logo, pode-se pensar no Reino de Deus antevisto como o reinado dos valores de justiça, paz, liberdade e fraternidade, que dão significado pleno à existência humana. Jesus Cristo é justamente o que aparece claramente como a figura de destaque da esperança de seu povo. E, nesse contexto, não existe nenhuma barreira que possa estancar o reinado de Deus e a história, que têm o seu

⁸² MIRANDA, M. F. REB 57, fascículo 226 de junho de 1997, p. 254. Para uma melhor compreensão é citada literalmente a argumentação desse teólogo, uma vez que está bem exposta, em relação ao tema da salvação em Jesus Cristo, o que vale à pena recorrer ao artigo que se encaixa bem no contexto hodierno.

⁸³ Cf. o que também escreveu MOINGT, J. **El Hombre que venía de Dios**, pp. 53-58.

seguimento na intenção de construir um futuro melhor pela realização do evento Cristo já no aqui e agora da caminhada.

Os dois pontos principais dessa realização são a liberdade e o amor fraterno.⁸⁴ O cristianismo sozinho conhece, ensina e proclama uma salvação,⁸⁵ que é sua verdade central, e que considera Jesus como Senhor e Salvador, pleiteando sua expiação pela morte, e entrando na Igreja como a comunidade dos redimidos, pela abundância do fruto do Espírito (Gálatas 5. 22-23). Na parábola das ovelhas e dos bodes o critério de julgamento divino é simples se nós tivermos alimentado o faminto, acolhido o estranho, vestido o nu, e visitado o enfermo e o preso (Mateus 25. 31-46).⁸⁶ Isso é considerado o fruto do Espírito, o que define a salvação em Jesus como o caminho concreto, a transformação do ser humano gerando uma ação transformadora. Assim, as obras não são primariamente frutos de filosofias ou teologias, mas caminhos percorridos, que se percorrem e que se percorrerão, de uma salvação que tem sentido, como fruto da ação do Espírito Santo. Essa ação dinâmica desconhece limites de espaço e tempo, de etnias, culturas e até mesmo de religiões.⁸⁷

Que salvação anunciar na situação presente da humanidade? Este problema condiciona o acesso através da fé. Não se trata de um outro problema: não se pode proclamar que Jesus é chefe e salvador, libertador da humanidade, sem dizer que perigos livra, e sem saber que salvação propõe.⁸⁸ Essa salvação é a coragem para encarar o futuro, quando a pessoa reconhece ser ela mesma ainda que viva num mundo de ambigüidades; ainda mesmo diante da morte que rodeia o homem. Assim sucede o que ensina a Bíblia como Palavra de Deus, em que o clamor do povo no exílio é o lamento de um povo que tem Deus como auxílio, encontrando-o na misericórdia, que é traduzida em libertação da escravidão. Esta salvação proporciona a esperança militante, e que determina a atuação do homem na história, numa vida sempre por vir a ser, considerando que essa esperança não

⁸⁴ Cf. o que escreveu HICK, J., **The Rainbow of Faith. The Pluralistic Hypothesis** (1995). *Salvation*. Parable of the Sheep and the Goats, the criterion of divine judgment is simply whether we have fed the hungry, welcomed the stranger, clothed the naked, and visited the sick and imprisoned (Matt 25. 31-46).

⁸⁵ Cf. GISEL, P., **Un salut inscrit en création**, pp. 121 ss.

⁸⁶ Cf. MIRANDA, M. F., **A salvação de Jesus Cristo**, pp. 226-227. É interessante o que escreve sobre “O cristão vive a atitude fundamental de Jesus Cristo por meio de suas opções concretas, as quais, por sua vez, se constituem no confronto com a situação presente.”

⁸⁷ MIRANDA, M. F. REB 57, fascículo 226, p. 259; MOINGT, p. 37.

⁸⁸ MOINGT, p. 37.

depende de nós mesmos, mas da fé em Deus. A coragem de existir somente se dá na experiência do encontro com Deus, não imediatamente a fé em haver encontrado Deus, mas em ser surpreendido por Ele.⁸⁹ A coragem de existir se fundamenta no Deus que aparece quando há a angústia e até mesmo a dúvida.

É importante saber que o homem não pode voltar à vida sem o ato de fé, sem crer que Jesus é o Salvador. Através de Jesus, Deus começa uma nova história, assumindo um compromisso de vida, possibilitando ao homem uma vida plena de sentido histórico. Essa iniciativa sendo divina é realizada no humano, como sendo a gratuidade que transcende e que se desfazem de modo concreto e definitivo todos os pontos negativos da desumanidade.

Retomando o ponto argumentado a respeito de Mateus 25.31-46, considerando fruto do Espírito o acolhimento, percebe-se claramente que, por outro lado, é salvo quem se abre para Deus e para o outro. Os que são declarados benditos não o são somente por haverem feito o bem em seu nome, por motivos de fé, senão simplesmente por compaixão com os que sofrem; os outros, são malditos pela falta de coração; tiveram a oportunidade de aderir ao projeto de Jesus, que é a causa humana, e não se importaram, uma vez que o sabiam, entretanto não a realizaram. Destarte, Jesus é o salvador universal salvando da morte aquele que se entrega.

Jesus é o único mediador e definitivo da salvação, dando cumprimento a todas as suas possibilidades, libertando os homens do jugo do pecado e abrindo um acesso direto a Deus em si mesmo. O Filho de Deus se entregou por nossa salvação, o Deus presente na cruz, reconciliando consigo o mundo (2 Coríntios 5.19), era ele quem obrava essa reconciliação indo às últimas conseqüências. Logo, podemos pensar na salvação como obra de vida e para a vida, que contrasta com todas as tradições religiosas dos escribas e fariseus opressores daqueles que não podiam se defender.

Como mediador Jesus faz o *seu convite magistral* (Mateus 11.25-30). Depois da retumbante oração e grande louvor ao Pai, caracteristicamente descritivo do espírito fervoroso de Jesus, ele que possuía total e completa percepção do conhecimento de Deus, elabora um convite imemorable. “*Vinde a Mim*” - o convite é lançado a qualquer pessoa que perceba a sua condição

⁸⁹ MOINGT, p. 40. Uma das mais ricas expressões da obra desse teólogo, que fascina o leitor é saber que temos um Deus que nos surpreende com a sua salvação.

pecaminosa e que possa reconhecer a necessidade de servir a Deus. “*EU*” - é enfático: Jesus Cristo pode mostrar ao cansado o descanso de que tanto precisa, bem como dar-lhe confiança para com Deus. “*Jugo*” - contrasta com o jugo da lei. Jesus oferece um jugo que se deriva do próprio conhecimento de Deus. É o verdadeiro caminho para Deus através da pessoa do Messias. O seu jugo é suave. Plenifica a vida humana. Contrasta também com os jugos dos romanos, que impunham ao povo altas taxas, impostos caros; e dos fariseus, que impunham meticulosa observação da lei. O grande convite de Jesus põe fim a todo tipo de escravidão, porque é o convite para a salvação.

A vitória sobre o pecado e a morte, a plenitude do que a fé cristã entende como salvação é a realização definitiva e perfeita do ser humano, em todas as suas dimensões, em Deus, sob a ação dinâmica do Espírito Santo.⁹⁰ Ainda que nosso conhecimento seja fragmentado e imperfeito, contextualizado e limitado, podemos testemunhar ao mundo a vitória de Jesus sobre a morte, que é a sua ressurreição, da qual fazemos parte, sendo essa a nossa proclamação em fé.

A implicação do evento Cristo no campo soteriológico elucida o fato de que Deus se importa com a sua criação, de que podemos viver plenamente no caminho que foi aberto por Jesus Cristo, o único mediador de vida, para que possamos existir não somente para nós mesmos, mas também para o próximo em todas as suas dimensões. Esta maneira de ser no mundo faz constatar uma existência concreta, em que se pode verificar uma resposta efetiva do homem em relação a Deus. O homem é visto como ser histórico e relacional. A realidade humana é evento em exterioridade. Evento, segundo o que pensa a Teologia, acerca do homem em termos de vocação.⁹¹

O homem somente experimenta o estado da nova criação em Cristo, através da dinâmica efetiva do Espírito. Esta é a dimensão do polo cristológico-pneumatológico.⁹² Dinâmica e essencialmente, acontece uma regeneração, que é um trabalho no coração do homem. Essa regeneração é o lugar da tradição concreta da graça de Cristo. A figura de Jesus Cristo sendo essencial à regeneração, não pode deixar de contar com o aparelho eclesial, onde a graça da prática da piedade auxilia e preside. Porém, a Igreja não pode substituir essa

⁹⁰ Cf ainda de modo claro MIRANDA, M. F., 997. REB 57. Fascículo 226, p. 259.

⁹¹ GISEL, P., *Croyance incarnée*, pp. 38-39.

⁹² GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, pp. 151-184; *La subversion de l'Esprit*.

graça, pois a referência é essencialmente ao Espírito, e não ao homem, porque sendo o contrário, configura-se como idolatria. Assim, é preciso sempre lembrar que, tudo o que Deus faz é feito pelo seu Espírito, no Espírito e através do Espírito. O Espírito preside uma estrutura de existência em exterioridade, onde se percebe pela fé, uma visão orgânica e integrada, no nível cosmológico, com repercussões antropológicas, éticas e políticas.

5.3.3

A responsabilidade do ser humano recriado em Cristo

Deus foi revelado em Jesus de Nazaré. Ele é o próprio Deus. Um Deus próximo de sua criação. Um Deus de amor, de misericórdia. Assim, era e é preciso reconhecer Jesus como o enviado do Pai, segundo a base revelatória. Pode-se verificar na escritura joanina, e especificamente no Evangelho de João 8.18-19; 14.5-10, onde está escrito que, quem conhece a Jesus também conhece o Pai. Através de Jesus pode-se compreender quem é Deus. O Deus de Jesus é seu Pai. A palavra de Deus se converteu na palavra de Jesus, que interpela os homens a darem uma resposta de compromisso, de serviço ao próximo, e de poderem chamar Deus de Pai, tendo como fundamento a projeção de Deus em Jesus com a mesma verdade que Jesus tinha no Pai. A paternidade de Deus é o dom da vida, e a garantia de que não se está sozinho à mercê de um destino que envolve e se subentende em fatalidade.

Um conceito correto de ser humano somente é compreendido na dimensão do que Pierre Gisel chama de “Testemunho como categoria do humano”.⁹³ Esse testemunho traz em seu conteúdo algumas perspectivas quanto ao significado de ser homem e ser mulher; tem uma implicação profunda numa antropologia teológica. E, essas perspectivas precisam ser refletidas, porque os homens e mulheres vivem hoje uma experiência alienada e alienadora. E, uma experiência assim, sofre riscos redobrados. Portanto, desta maneira toca à forma de uma vida eclesial deformada, com perfil de fechamento e de exclusão.

Encontramos no *Evento Cristo* o verdadeiro resgate do humano, que precisa ser repensado em termos de valor, de feitura do Criador, bem como de sua

⁹³ GISEL, P., *Croyance incarnée*, pp. 25-41.

imagem. Somente se resgata esse ser a partir da reflexão e da práxis evangélica, observando todo o contexto vivido intensamente por Jesus de Nazaré, que deu a sua vida a fim de fazer feliz a raça humana - objeto do amor do Deus que é Trindade. Por isso, há a necessidade de se interrogar uma tradição ou o estatuto do homem e de sua razão. A Teologia fala de Deus, e esta é a razão de ser e o lugar da verdade teológica. Mas, simultaneamente, a Teologia fala do ser humano. E, correlativamente, quando a Teologia fala do ser humano, também fala de Deus. Portanto, conhecer a Deus e conhecer o homem são coisas conjuntas.⁹⁴ E, quanto ao homem, a Teologia conduz a uma reflexão sobre ele de uma forma integral, e por sua vez específica e central. Ela interroga o homem em sua condição concreta.

O ser humano é valor em si mesmo, ainda que esteja no mais profundo do abismo, no vale da sombra da morte. Isso é o valor que se dá à vida quando se investiga a experiência de Jesus junto ao Pai, no sentido de não ser pusilânime ao defender a causa de quem estava sendo oprimido e injustiçado, antes estando na linha de frente do combate em favor da vida. Ele mesmo se insere nesse combate, apresentando-se de modo claro e definitivo: *“Eu vim para que tenham vida...”* (João 10.10). Assim, é preciso não somente investigar a vida do Filho de Deus, mas viver sua experiência, que é o testemunho legítimo de uma existência concreta e voltada para a realização plena do bem. Aqui se alinham testemunho e inteligência, no sentido de se concretizar um legítimo engajamento. Destarte, um testemunho inteligente e presente no bojo da Teologia, que consagra um trabalho inteiramente voltado para a história, faz-se perceber com seus componentes legítimos. Componentes que se prendem a instituições com seus textos, suas práticas religiosas, sociais e humanas. Testemunho ativo no movimento de uma história rica e complexa. Para que isso seja de fato assim, a Teologia terá sempre de interrogar, de interpelar a qualquer tradição que contenha precedentes do humano, que não se prenda a uma existência de encarnação. E, existência de encarnação quer dizer responsabilidade do ser humano; e, principalmente do ser humano recriado em Cristo.

A única via para se compreender e se desenvolver uma antropologia de qualidade é a do relato evangélico, que se tem elegido para recorrer e não

⁹⁴ Para essa reflexão, P. Gisel utiliza o método teológico de J. Calvino, “Método de Correlação”, contido nas **Institutas** ou **Tratado da Religião Cristã**. São Paulo: CEP, 1985, Volume 1, pp. 53-111. Quem também se utilizou desse método foi TILLICH, P., **Teologia Sistemática**. São Leopoldo, RS: 1987; São Paulo: Paulinas, 1987, pp. 13-64.

desembocar numa rua sem saída, antes deve permitir alcançar o ser de Jesus, efetuando passo a passo à história de sua pessoa. Como Filho de Deus, que é base da pregação da Igreja, Jesus sempre procurou fazer a vontade do Pai, vivendo uma relação de amor, sendo obediente e pagando o preço pela obediência. Essa relação de amor ensina ao homem que este deve também viver nessa condição, pois o princípio estabelecido através desse relacionamento singular caracterizou o que os homens devem realizar entre si na história.⁹⁵ Jesus viveu uma existência totalmente entregue ao Pai. Em sua experiência marcante também deixou o legado de que o Criador chama o ser à existência, convocando-o a ser pessoa, e esta não se constitui a si mesma completamente sozinha, em solidão e clausura, mas na comunhão de uns com os outros membros da raça humana em amor.⁹⁶ Logo, o verdadeiro conceito de pessoa e de ser humano se entende em Jesus de Nazaré. Como Jesus construiu a sua pessoa se compreende na perspectiva de que a sua atividade e liberdade de consciência acontecem a todo indivíduo. Construiu-se como pessoa de Filho de Deus, através da obediência radical a Deus, identificando-se como verdadeiro Deus entre os homens e as mulheres.

Todas essas atividades referentes à vida de Jesus de Nazaré concorreram para formar a sua pessoa, o ser-sujeito. Um duplo movimento acontecia, pois, Jesus saía de si mesmo em direção ao outro que estava em aflição, tornando possível uma reconciliação com Deus e consigo mesmo. Isto é amor. Amor que é movimento em direção outro. A própria morte de Jesus é traduzida em amor; uma vida que se entrega, que se doa e sem interesses que não seja o bem-estar das pessoas, vai às últimas conseqüências, para que todos possam ter vida.

Não existe maior prova de amor do que esta: *de alguém dar a sua própria vida em favor de outrem* (João 15.13). Ao penetrar na história Jesus assumiu a condição de servo por amor, sem as marcas do pecado, em plena condição humana, negando o igualar-se a Deus, ou mesmo pretendendo elevar-se por cima de nós outros, antes ocupando o último lugar (Filipenses 2.6-8). Cristo como acontecimento absoluto de autocomunicação de Deus aos homens, fez-se homem de Deus e o caso único da consumação essencial da realidade humana, que

⁹⁵ Cf. também o que escreveu MOINGT, J., p. 210. É enfatizado tudo isso no sentido de se apresentar Jesus como o verdadeiro paradigma do relacionamento de amor com o Pai, concebendo-se o significado real da expressão que se atribui a Jesus: “Pai, em Tuas mãos ponho o meu espírito”, como uma de suas últimas palavras da cruz.

⁹⁶ Cf. ainda MOINGT, J., p. 214.

consiste em que o homem exista perdendo-se no secreto absoluto que nós chamamos Deus. A existência histórica de Jesus como Filho de Deus e Filho do Homem deu garantia à humanidade, de poder ser reconhecida a partir do valor que é em si mesma como criação de Deus. Cristo é o Filho de Deus enquanto é este homem, posto que sua pessoa de Filho é a consumação, nele e por ele, da vocação de todo o homem para chegar a ser filho de Deus.⁹⁷

Não se pode olvidar que foi na história que o *Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade* (João 1.14). Nascido de uma mulher para se constituir o caminho que conduz o homem a Deus chamando-o de Pai. A tradição de Israel, em seu bojo, esperava a vinda do Servo de Yahveh, de uma intervenção expressa de Deus na história, de uma ação de geração, de um nascimento (Isaías 49.1-6). Jesus, sendo Filho de Maria por obra e graça do Espírito Santo, significa que pertence à raça humana e sua história; a raça humana, com suas verdades e suas mentiras; com suas afirmações e negações.

Jesus foi concebido pelo Espírito Santo. Quem é o Espírito Santo? É a força divina, força de vida, fonte da palavra; tem ele um poder fecundante e ao mesmo tempo, santificante. Estes atributos do Espírito conferidos em Jesus mostram que no ser humano existem também todas as possibilidades vitais, que o impulsionam a viver e fazer história, à semelhança de Jesus de Nazaré. O Verbo em pessoa é o princípio que põe a história em movimento, dá-lhe sentido. Isto para a antropologia é algo extremamente importante e resgatador de valores esquecidos por uma sociedade que encontra nos seus deuses falsos (ideologias perversoras) o deslocamento de tudo o que torna a vida sadia.

Ao se observar nos relatos neotestamentários a vida de Jesus, agindo no poder do Espírito Santo em favor dos que sofrem, se interessando pelos mais diversificados problemas latentes dentro e fora de cada pessoa, nos desafia a um resgate de tudo o que implica em vida abundante. Se Jesus manteve um relacionamento íntimo com o Pai, quis reivindicar que todo o homem e o homem todo precisa encontrar sentido para viver a sua vida a partir desse relacionamento,

⁹⁷ Cf. mais ainda o que escreveu MOINGT, J., p. 224. Três pressupostos de Deus no evento Cristo agindo na história 1. A manifestação de Deus na história pertence a seu ser, é da ordem dele ser manifestado; 2. A exteriorização de Deus se converte em autor da nossa salvação; 3. A exteriorização de Deus no acontecimento de Jesus morto e ressuscitado é um ato de *kenosis*. Encontra-se na história um Deus que dialoga com o homem, que se revela por meio da linguagem. Destarte, entende-se que é uma história de criação e de salvação. Encontramos no Antigo Testamento Yahveh dizendo EU SOU.

através de uma abertura de coração e serviço que culmina em adoração. Jesus é o paradigma da pessoa humana; é a síntese entre o humano e o divino.

Deus, por outro lado, se manifesta em Jesus tal como é em si mesmo. Existiu em Jesus uma comunhão de existência, com o Pai que lhe deu toda a sua razão de ser. O Deus de Israel é o Deus de Jesus Cristo, e se revela na história aos seres humanos não falando unilateralmente, mas em intercâmbios de palavras que vão pontuando a história, dialogando com os homens, de sorte que esta história se torne a sua.

Deus restabelece o relacionamento pessoal com o homem. O homem responde pessoalmente à proposta de Deus, obedecendo à sua vontade que implica realização da justiça e do amor efetivo. Essa decisão e o diálogo de Deus com o homem são vivenciados na história. O Deus do diálogo, da eleição e da aliança não aniquila a história humana, pois sendo o contrário, contrariaria a sua própria palavra e determinação. O ser humano é imagem de Deus pela sua estrutura dialógica e pela sua capacidade de ser responsável. O ser humano foi criado por Deus para ser seu cooperador. O homem não é o dono do mundo, mas é seu administrador.⁹⁸ Logo, para resgatar o verdadeiro lugar de *ser humano* na história, com conseqüências antropológicas profundas, deve-se observar e colocar em prática tudo o que se refere à práxis histórica de Jesus de Nazaré. A partir desse resgate pode o homem assumir o seu verdadeiro sentido, em relação a todos os elementos constitutivos em nível ecológico, passando a zelar pela paz do planeta e também de toda a realidade cósmica.

Essa gestão humana é reflexão que pertence mesmo à Teologia. Dar-se o reencontro de uma nova marca que tem a sua importância, e que se acha no grau de uma existência em fé. Isso porque, tanto o religioso, quanto o ato de crer, são fatos eminentemente sociais; são igualmente partilhados entre todos, e não reservados apenas a alguns. Estes atos participam de uma decisão na história, que figuram no ser humano de modo global. É aqui que se entende o movimento de uma Palavra articulada em efetividade histórica, corporal, envolvida com todas as necessidades. Isto é que reflete Pierre Gisel, em termos de extensão ou de totalização. Portanto, é que a realidade e o homem podem ser circunscritos e dominados por esse toque essencial. A criatura humana traça a sua assinatura de

⁹⁸ Cf. GARCIA RUBIO, A. (1992). **Unidade na Pluralidade**: III Capítulo. É uma obra bem elaborada, e que apresenta uma argumentação objetiva sobre esse tema muito importante.

forma rica: uma existência e um realizar, uma prática, um drama. Dizer-se homem será sempre de destinar suas coordenadas numa obra na história com suas contingências.

Essa ação responsável do ser humano, recriado em Cristo na história, tem de ser em reconhecimento de uma realidade assimétrica. A materialidade é boa porque veio de Deus. Mas, foi estabelecida na condição de assimetria. E tem de ser desta forma. Tem de ser observada por todos, e principalmente por quem foi marcado pela força da palavra revelatória de Deus. Portanto, aceitar o diferente é compreender que a criação foi estabelecida por graça divina. A revelação manifesta que a realidade é lugar de um evento possível a propósito da verdade; a propósito do que ela é. A verdade de um Deus totalmente outro, criador, e que se relaciona com a sua criação. A revelação supõe e faz entranhar uma existência como testemunho. Destarte, a revelação apela e determina um feito de crer e do exercício da fé, de confissão e de resposta.

5.3.4

A profundidade e a abrangência da salvação em Cristo

Uma vez que a salvação está inscrita na própria criação, e que tem como significado a nova criação em Jesus Cristo sob a dinâmica do Espírito, faz que o ser humano redimensione e assuma a sua responsabilidade na história. Essa responsabilidade tem de ser na dimensão da operosidade e do redimensionando da vida, com o propósito do homem cumprir o seu mandato cultural instituído no ato criador de Deus. Sendo assim, e não de outro modo, é que somente se pode pensar em termos de uma salvação *profunda e abrangente*.⁹⁹ Este modo de refletir *a posteriori*, que se dá mediante a experiência do próprio sujeito que conhece e que faz parte das estruturas necessárias e insuprimíveis do ser humano, conduz ao entendimento da salvação de Deus de forma total e integral. Isso causa uma ruptura com quaisquer linhas de reflexão dualista.¹⁰⁰

Como se pode falar de uma salvação que tenha a sua profundidade e abrangência em Jesus Cristo? Os pontos que seguem em sua disposição, visam

⁹⁹ Cf. GISEL, P. *Corps et Esprit*. 94p.

¹⁰⁰ Remete-se o leitor à obra de TORRES QUEIRUGA, A., *Recuperar a criação*. [Tradução: João Rezende Costa]. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 31-76.

atender e estender ajuda à construção de uma linguagem nova, para se compreender essas dimensões em termos cristológicos,¹⁰¹ numa ação sempre pneumatológica, que focalizam a eficácia e a operosidade de Deus no mundo e no ser humano com sua história.¹⁰²

Vejam os pontos, uma vez que se constituem bases dessa reflexão, no intento de apontar para as dimensões pró-ativas da salvação em Jesus Cristo, como ocorrência na história; uma ocorrência também com dimensões cósmicas:

- **Primeiro: A profundidade e a abrangência se dão pelo fato da pessoa ser participante da justiça que Cristo pagou com a sua vida e morte**

Aqui se acha a prova de uma aliança estabelecida pelo Criador, e que possui sua garantia pelo fato de que não pode falhar. Não pode haver falha, porque Cristo é o mediador de todos os tempos, dentro de uma realidade presenteada pelo próprio Deus ao ser humano em sua corporeidade histórica. Assim, se pode conceber uma articulação insofismável entre criação e redenção, mediante um regime de encarnação.¹⁰³ Este é considerado um regime que mostra a alteridade de Deus. Deus vem ao encontro daquilo que ele mesmo estabeleceu em graça. Significa uma alteridade que alcança de modo integral a criação. Uma salvação¹⁰⁴ que alcança integralmente o ser humano, configurando-o como uma nova pessoa, que traz as marcas do Criador. Portanto, não se pode pensar a encarnação como desvinculada da redenção, uma vez que a materialidade é dom de divino.

Para que essa abrangência e profundidade se tornem bem expostas, acha-se mesmo inserida no Evangelho a presença de um Cristo contemplado pela sua obediência. Uma obediência como marca de uma verdadeira humanidade, de um

¹⁰¹ Cf. GISEL, P., **Le Christ de Calvin**, 199p.

¹⁰² Sobre o polo Cristológico-Pneumatológico, basicamente, verificar: GISEL, P., **Le Christ de Calvin e La subversion de l'Esprit**.

¹⁰³ Cf. GISEL, P., **Croyance incarnée**, pp. 133-143.

¹⁰⁴ Uma definição precisa da palavra “salvação” encontra-se em GRESHAKE, G., O homem e a salvação de Deus. In: NUEFELD, K. H. (ed). **Problemas e perspectivas de teologia dogmática**. São Paulo: Loyola, 1993, p. 225. “Mas o que significa ‘salvação’? Podemos dar uma primeira resposta remontando à raiz lingüística. Tanto na sua forma romântica como nas germânica e eslava (rom.: *salus, salute, salut*; got.: *hails*; paleoslava: *celu*), o termo denota raízes hindu-germânicas, que significam ‘ser íntegro’. Ser-íntegro, ser-idêntico-a-si-mesmo significa duas coisas. *Antes de tudo*, estar livre de tudo o que compromete ou impede a integridade; desse ponto de vista, salvação significa redenção de tudo aquilo que é alienante, negativo, mau. *Em segundo lugar*, ‘ser-íntegro’ indica a atuação de todo o ‘potencial’ disponível, atingir a meta utilizando aquilo que é próprio do

verdadeiro ato de serviço ao Pai, no amor ao próximo e à criação integral. É justamente aqui, que reside uma alta perspicácia teológica, com conseqüências profundas em termos antropológicos. Essas conseqüências estão fundamentadas em Cristo que assume o modo de ser figura corporativo-recapitulativa.¹⁰⁵ Isto quer significar não o projeto, mas a nova realidade da criação, de modo pleno e determinado, segundo a operação apriorística da graça, que contempla a todos sem distinção.

Real e concretamente, Jesus Cristo é a matéria de uma salvação inscrita na criação. Tal é a dupla face da realidade e da redenção, em que Cristo é o instrumento necessário, segundo a ordem humana, condição em que Deus mesmo se engaja de modo trinitário na realidade dos homens e das mulheres. Isto se constitui ato livre da graça de Deus, que traz em si a justificação gratuita, de modo que Cristo pode reconciliar o homem com Deus. Para isso, ele deu a sua vida; assumiu o nosso lugar; operou em prol da nossa felicidade suprema. Pode demonstrar que o ser humano é valor em si mesmo, e que a criação não é algo ruim; que devemos tratar bem tudo o que Deus nos deu como presente. Para isso, ele foi às últimas conseqüências, a ponto de entregar-se na cruz por nós.¹⁰⁶

Através de sua vida, Jesus Cristo fez surgir a comunidade dos homens livres, constituindo-se a aurora da nova criação. Ele, o novo Adão, tornou-se antitipo do primeiro homem, ao instituir de modo pleno a nova criação. Essa nova criação é a salvação, restituição da criação em sua integridade. Assim, o novo homem em Cristo, não existe a partir de suas próprias decisões, mas como projeção de um mundo cósmico. O resultado disso, é que encarar o homem por si mesmo, reduz a vida ao único domínio das decisões individuais, privadas. Isso é fruto de uma redução mentirosa e de um idealismo que, por ser freqüentemente inconsistente, não é senão enganoso. Diante disso, a nova ordem estabelecida é a concretização de uma estrutura em que se vive não segundo uma experiência moral, mas uma necessidade que participa da constituição mesma de sua significação. E o resultado concreto é o surgimento de um espaço de vida, onde todos podem viver integralmente.

homem. E então, salvação significa cumprimento e realização plena de todas as nossas possibilidades, de todos os nossos anseios, aspirações, objetivos e intenções práticas.”

¹⁰⁵ GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, p. 108.

¹⁰⁶ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 293-395.

- **Segundo: É preciso refletir na profundidade e na abrangência por sermos também, desde agora, revelados pelo poder de Cristo a uma vida inteiramente nova.**

A vida de Jesus Cristo e o seu senhorio são estruturas profundas da salvação;¹⁰⁷ de uma vida inteiramente nova.¹⁰⁸ A fé que é operada internamente pelo Espírito no coração do ser humano, mas no ser humano como nova criação, conduz a um objeto qualitativo. Uma vida inteiramente nova é uma vida que em fé se realiza na história, uma vez que essa fé é a prova de que a pessoa foi plasmada para a experiência profundamente espiritual. Isso não significa uma vida fora da carne, mas vida de encarnação, de engajamento. Uma nova experiência que é fruto mesmo da regeneração, trabalho essencialmente do Espírito. Assim, se efetiva a verdadeira reforma ou a instauração do estado original da criação, que se verifica pela perspectiva de uma realização segundo a obra salvífica de Cristo, no Espírito, que age no mais profundo das realidades humana e cosmológica.

Ao ser tratada teologicamente, a regeneração se lança no coração de um desdobramento da vida real. Essa vida é a vida dos crentes, em seu corpo e nas tomadas com a criação. Isso é um feito dinâmico do Espírito, que no mais profundo do ser age eficazmente; testemunho do Espírito em nossa intimidade, uma vez que sonda e conhece o nosso interior. É uma obra que opera uma profunda santificação, processo que leva o crente a uma vida dinâmica no mundo. Uma dinâmica que, por sua vez, instaura uma encarnação justificada, numa realidade profundamente heterogênea. Uma vida que se desenvolve sob o signo do complexo cruz-ressurreição; que não tem a intenção de se constituir por um lado um momento infeliz (cruz), e por outro uma vida somente gloriosa (ressurreição). Porém, a fé cristã descobre Deus, onde somos chamados a uma radical encarnação, interpelados para uma nova existência em singularidade. Uma existência que assume o estatuto de discipulado, marcado pela esperança.

Para que essa nova configuração seja percebida e refletida pela Teologia, é preciso conduzir a pessoa recriada em Cristo à experiência num grau de exteriorização. Isso quer dizer que a pessoa não vive uma realidade fechada e voltada para dentro de si mesma. É preciso considerar a criação, a Escritura, a

¹⁰⁷ GISEL, P., **Le Christ de Calvin**, p. 153 ss.

¹⁰⁸ Cf. um significado e uma compreensão dessa realidade em GRESHAKE, G., **O homem e a salvação de Deus**, p. 225 ss.

Igreja e nesta os sacramentos, que evidenciam concretamente a mensagem da revelação.¹⁰⁹ Mais ainda, essa profundidade e abrangência não significam que a pessoa possa atingir a plenitude no mundo presente, mas sempre o reenvia a uma realização; realização na história que visa a uma consumação final. Consumação que encontra seu alvo no sentido de novos céus e nova terra, tempo e lugar definidos como ausência de tudo o que faz degradar a vida. E para que isto seja de fato assim, é necessário que no agora, haja a sensibilidade da concepção de uma assimetria original, de uma estrutura em aliança e um trabalho interno do Espírito. O Espírito é quem preside uma estrutura de existência em exterioridade, gerando uma visão de alto desenvolvimento; visão orgânica e integrada, no nível cosmológico, com repercussões antropológicas, éticas e políticas.¹¹⁰

- **Terceiro: Consideremos ainda a profundidade e a abrangência que garante a vida pela ressurreição de Cristo, vitória que nos deu um penhor de nossa bem aventurada ressurreição**

A ressurreição: reencarnação, imortalidade ou transformação?¹¹¹ Pierre Gisel aborda sobre a situação em que vivemos, incontestavelmente, marcada por uma explosão de buscas espirituais diversificadas. O que se percebe é o retorno de tradições esotéricas, com suas seduções religiosas, procurando atingir as dimensões do homem.¹¹²

É justamente numa situação assim, que a fé e a teologia cristãs se acham interpeladas. Essas realidades não podem se esquivar de um debate e de um confronto, a fim de que não sejam acusadas de alienação. Tem de haver uma consciência clara, mas sem algumas escamas que produzam algumas conjunturas dúbias ou unilaterais. A postura de uma realidade cristã engajada tem de contemplar uma instrução profunda que permita a todos uma consciência clara acerca da ressurreição, que não se confunde jamais com reencarnação ou imortalidade da alma. Ressurreição tem a ver com transformação que toca de modo integral as dimensões históricas e sociais; realidades que envolvem

¹⁰⁹ Cf. GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, pp. 164-167.

¹¹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 185.

¹¹¹ Cf. GISEL, P., *Corps et Esprit*, pp. 69-91.

¹¹² Sobre este assunto, não houve nenhuma proposta para se dissertar, uma vez que o tema é extenso e profundo. Porém, apenas houve concentração no que Pierre Gisel teve por propósito enfocar.

reflexões antropológicas a serem tocadas pela realidade teológica. Realidade onde se lança a verdade sobre Deus; de um Deus que toca e provoca a existência humana. Uma existência humana provocada por essa verdade, pode responder aos apelos de uma ressurreição profundamente transformadora.

As perspectivas fortes e originais que decorrem das fontes bíblicas e cristãs, tocam a nossa identidade humana e o mais íntimo do nosso destino, no que concerne ao aspecto transformador da ressurreição.¹¹³

- **Primeiro: O destaque do primado da figura cristológica com sua característica mediadora e estruturante**

É uma figura que evoca o Cristo em glória, arquétipo original e final. Recapitula nossa identidade, origem e destino. Trata ainda do segredo das coisas que surgem. Pelo Espírito somos inseridos numa realidade corporificada, num tempo e numa história, onde temos de ser conformes à imagem de Deus. Onde se dá a passagem do homem terrestre para o homem celeste. Esse é um trabalho do Espírito, que envolve transfiguração e transformação. Transformação em um novo homem, criado em Cristo, conforme a imagem de Deus. Assim, somos devolvidos à glória do Senhor (cf. 1 Coríntios 15.49; Colossenses 3.10; 2 Coríntios 3.17s.).

- **Segundo: O evento da ressurreição do corpo**

A fé cristã fala de ressurreição, e de uma ressurreição do corpo (1 Coríntios 15). Uma ressurreição que envolve transformação, através da dimensão do Espírito que trabalha no tempo, proporcionando uma libertação da corruptibilidade. Assim se diz: de corpo corruptível a corpo incorruptível. Carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Transformação é obra de Deus e não uma permanência essencial. De modo infeliz, por muito tempo, o cristianismo tem falado de imortalidade da alma, doutrina que em si mesma carrega uma imagem perigosa, e que conduz a uma realidade do espírito sem o corpo. Pode até ser de boa intenção, e tratando-se mesmo de uma realidade espiritual, mas é preciso lembrar que a corporeidade é bênção de Deus.

¹¹³ Cf. GISEL, P., *Corps et Esprit*, pp. 74-80.

- **Terceiro: A evocação de um julgamento último**

A fé e a teologia cristãs sustentam em efeito uma hesitação entre a confissão de uma salvação para todos, mediante o ensino de uma graça mais forte que todo o pecado, e a evocação de um julgamento. Um julgamento último, em deferência aos pecadores (Mateus 8.12; 13.42; 13.50; 22.13; 25.30). Há uma certa clareza nos textos bíblicos, porém não é a única. Em Colossenses, por exemplo, se percebe que a vontade de Deus é de reconciliar a todos por meio de Cristo e para ele, sobre a terra e nos céus. Em 1 Coríntios 15.21ss se proclama: como todos morrem em Adão, em Cristo, todos terão a vida. Quanto a 1 Timóteo 2.3, tudo fica mais claro: Deus nosso Salvador... deseja que todos sejam salvos.. Ainda, se pode ver a perspectiva propriamente apocalíptica, glorificando a Deus ou o Cordeiro como Alfa e Ômega; como o *Amém* primeiro e último ou como aquele que tem as chaves do Inferno.

Sobre o contraste explicitado pelos textos bíblicos, Pierre Gisel afirma haver uma ambivalência.

No primeiro grupo de textos há mesmo uma contradição. *A fortiori* para nosso pensamento moderno, se oporá ao *amor*, de um lado, estendido em pura gentileza sem força criadora estruturante no coração da realidade, com suas diferenças e suas resistências. *A justiça* de outro lado, baixa em direção a uma distribuição de penas e de recompensas externas da parte de um Deus curvado sobre si mesmo, zeloso para dizer perverso.

Abordar aqui de frente essas colocações - e segundo a linha teológica mais profunda - supõe que se interroge acerca da *realidade*, bem como sobre o *mal*. Unindo-se assim um aspecto todo de feito fundamental, decisivo mesmo, de nossa problemática juntamente.¹¹⁴

O modo de refletir de Pierre Gisel nos conduz para uma realidade em que nos desenvolvemos, e que nessa realização se percebe sempre um julgamento. Existem os limites humanos ou a nossa verdade última que acontece sempre em função da experiência do mundo e da existência. Na confissão da criação a perspectiva bíblica e cristã contém uma quebradura relacionada desde as origens, e portanto, marca um limite insuperável e saudável. Essa marca, de uma problemática desde a origem, tem sido inscrita como a confrontação na história do mal (Gênesis 2-3). Assim, na perspectiva cristã, a vida corporificada, inserida na realidade, está em confronto com o mal, o que não pode ser banalizada. Há

¹¹⁴ Cf. GISEL, P., *Corps et Esprit*, p. 78 ss.

sempre um contraste que faz parte da caminhada humana desde o princípio. Há uma instauração contrastante, um “tohu-bohu”¹¹⁵ original, conforme Gênesis 1.2: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”.

Teologicamente a ressurreição antecipa a ascensão.¹¹⁶ É a ruptura entre vida e morte; é o redimensionamento e a certeza da redenção do humano e da criação. É a plenitude da vida humana em sua legítima natureza, que visa tão somente à glória de Deus.¹¹⁷ A ressurreição é um seguimento da mensagem da cruz, e não a cruz o simples capítulo de uma dogmática da ressurreição.

A ressurreição de Cristo e sua ascensão qualificam a vida humana para Deus. Realiza-se a promessa de Cristo de estar conosco até a consumação dos séculos (Mateus 28.20) e da verdadeira vida espiritual, santificada pelo Espírito. E, juntamente com essa ascensão, dar-se concomitantemente, a realização de todas as coisas. Abre-se a realidade de novos céus, não em Adão, mas segundo o *Novo Adão*, o *Novo Homem*. Foi por esta causa que Cristo assumiu o nosso lugar. Ele exerceu o seu ofício sacerdotal: na condição de representante da humanidade diante de Deus. Assim, a sua vida e o seu sacrifício garantiram a salvação. Portanto, *ser salvo* é estar unido com Cristo; é poder experimentar todas as possibilidades vitais que residem do humano. Exercita-se no agora de sua existência o respeito pela heterogeneidade da própria criação, organizando as diferenças e tornando concretos os caminhos de uma realização plenamente humana na história. Uma realização que é pró-ativa e que caminha para a realidade de uma configuração sem pecado.

Essa nova realidade que *é já e ainda não* realizada, apresenta-se como penhor e herança com base no fundamento da salvação. O fundamento é tão somente a graça de Deus em Cristo, na ação dinâmica do Espírito Santo, proporcionando a felicidade da raça humana e do planeta. É uma abrangência e uma profundidade que se manifestam na história e da essência de cada elemento natural, expressos de modo diversificado na revelação divina. Esses valores profundos perfilam a visão do cristão, se inscrevendo naturalmente ao engajar-se

¹¹⁵ Expressão hebraica que acentua a instauração de um contraste, no Livro de Gênesis 1.2.

¹¹⁶ Cf. GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, pp. 120-121.

¹¹⁷ Cf. parte da obra de TORRES QUEIRUGA, A., *Recuperar a criação*, pp. 78-83. “Gloria Dei, vivens homo”. Expressão de Santo Irineu. A glória de Deus é o homem vivo, ou seja, a pessoa humana em sua plenitude.

na empreitada de um redimensionamento do ser humano e do mundo. Essa ação se apresenta através da mediação da Igreja, que tem como base a Palavra e os sacramentos. A mensagem que perpassa a Palavra trata ao mesmo tempo da figura de Cristo, sob um modelo teocêntrico, de forma que se entenda a sua mediação no ato criador de todas as coisas e da própria salvação, uma vez que a realidade foi afetada pelo pecado.

5.3.5

Uma salvação que conduz à vida plena e à liberdade

Vida plena e liberdade são realidades da nova criação em Cristo, que profundamente se articulam. A liberdade é vista como um traço característico do ser humano; um modo que remete a uma nova ordem das coisas.¹¹⁸ Vida plena e liberdade podem ser realidades idênticas, uma vez que a própria liberdade é a radicalização do ser humano. É traço característico da salvação.¹¹⁹ E, uma reflexão sobre essa vida plena como sinônimo de liberdade vai de encontro a uma realidade onde se acham inúmeras condições sub-humanas, em todos os lugares do planeta. Por exemplo: o trabalho é escravizador, gerando uma produção obsessiva; pressões políticas e sociais que desconcertam a vida; alienação e injustiça; fome, miséria, isolamento das condições básicas de existência.¹²⁰

A liberdade, segundo Pierre Gisel é a assinatura do Evangelho. Mas, existe um mau uso dela, como por exemplo, no contexto dos coríntios (1 Coríntios). Os coríntios viviam sob o signo de uma liberdade provida de ilusões; um certo tipo de entusiasmo que era desenvolvido mediante o recurso da apocalíptica. Um processo teológico-eclesial, de feito principal que conduzia a uma existência

¹¹⁸ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 398-400.

¹¹⁹ Este tema é percebido com mais profundidade, desenvolvido por GRESHAKE, G., *O homem e a salvação de Deus*, pp. 236-239. “Essa tematização da liberdade como paradigma e forma concreta da salvação é patrimônio da própria Escritura Sagrada. O ato salvífico decisivo que Deus cumpriu no Antigo Testamento é a libertação da escravidão no Egito e o dom da liberdade ao povo eleito. No Novo Testamento, a proximidade do reino de Deus anunciada por Jesus significa libertação do pecado e das forças do mal, das pressões sociais e exigências legalistas e – não por último – também das preocupações com a própria pessoa, para sermos livres *para* Deus e para o próximo...” (p. 236).

¹²⁰ Remete-se o leitor à obra organizada por BOURDIEU, P. (Coord.). *A miséria do mundo*. [Vários tradutores]. Petrópolis, RJ: 1997. 747p. “Entregamos aqui os depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver. Organizamos e os apresentamos com o objetivo de conseguir do leitor que lhes conceda um olhar tão

individualista.¹²¹ Uma existência isolada de toda história real; somente compreendida por todo o espaço institucional e de suas servidões, onde o tema da justiça de Deus não poderia valer como título de reivindicação, mas de pura exigência, na ignorância de toda uma antecedência ou prioridade ontológica.

Para se compreender a liberdade como assinatura do Evangelho é preciso refletir sobre dois pontos básicos:¹²²

1. O Evangelho é em primeiro lugar, tomado como manifestação de poder, que fez irrupção no coração do espaço concreto, onde vivem os homens e as mulheres

Uma vez que isso se configurou como uma realidade de vida plena, logrou êxito à verdadeira liberdade. Uma liberdade que possui uma estrutura regida pelo *Regnum Christi*. Realidade que vive da essência em que “tudo é vosso, mas sois de Cristo”. Marca-se o limite de uma ordem dada ao ser, no tempo e no espaço de uma graça, que em si mesma concentra a vida plena; a vida de salvação. Uma ação assim é promovida somente por quem conhece verdadeiramente a vida; e quem conhece a vida na íntegra é tão somente quem a dá como dom. E, o Deus criador e salvador não poderia se apresentar de modo contrário, porém se derramou abundantemente, de forma corporificada, para que o ser humano e toda a criação pudessem usufruir uma liberdade integral.

A manifestação de Cristo na carne significa a habitação de Deus como homem entre os homens. A Palavra na carne quer dizer corporificada, é o lugar onde Deus se manifestou. Deus manifestado em carne (1 Timóteo 3.16). Deu-se o abaixamento de Deus, em Cristo.¹²³ Esse estado mostra que Deus se tornou um ser humano, no sentido de valorizar a vida do homem e da mulher, bem como de toda a criação. Sendo assim, Jesus Cristo assegura uma mediação que se insere não unicamente em face do pecado. Mas, o seu ofício de mediador já estava primeiro inserido na obra da criação (João 1.3; Colossenses 1.16-17; Hebreus 1.1-3). Essa

compreensivo quanto o que as exigências do método científico nos impõem e nos permitem conceder-lhes”.

¹²¹ BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA, **1 Coríntios 1.11-13**: “Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós. Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo. Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?”

¹²² Cf. GISEL, P., **Vérité et histoire**, pp. 238-239.

¹²³ Cf. GISEL, P., **Le Christ de Calvin**, p. 65.

encarnação é justamente a benevolência e a misericórdia de Deus, que conduz o ser humano à vida plena. É meio do homem se achegar a Deus. E, uma mediação que se deu na carne humana, é Deus se fazendo como um de nós. Isso quer dizer que não somos Deus, mas podemos nos achegar a Deus de modo pleno em Cristo. É o modo pelo qual podemos desenvolver a nossa humanidade na história.

2. O homem é sempre determinado pelo lugar que ele ocupa; o espaço ou a esfera da qual pertence e participa

O homem participa em sua liberdade. E tem mesmo de ser assim, uma vez que a ele foi manifestada a salvação, por graça. A liberdade não é a realização de si mesma, de modo isolado. Ela é, ao contrário, essa força que liberta o homem de sua presunção; da presunção de querer ser como Deus. A liberdade que se está tratando é a liberdade para o serviço, em obediência, conforme o exemplo de Cristo encarnado. A verdadeira liberdade nasce de um dom, de um limite e do decentramento que ele compreende. Ela vem do modo de confessar este dom e este limite, através de uma prática responsável. Uma vez que isso se torna realidade, a vida humana, com seu gesto de autêntica responsabilidade, não tem outro rumo, senão a vida plena em liberdade.¹²⁴

Uma salvação que conduz à vida plena e à liberdade, não se isenta de uma ação que é sua, num mundo em que se concentram realidades adversas. A proposta do homem recriado em Cristo, única e essencialmente é saber que, diante de Deus ele decide viver sua existência. Uma existência encarnada, sob a dinâmica do Espírito. Diante de Cristo e no poder do Espírito o homem pode ser liberto das forças presentes que o alienam. Isso de fato acontece, porque há uma esperança no senhorio de Cristo que promove a libertação integral para uma nova realidade. E, é justamente no coração da boa criação de Deus e na carne humana, que se experimenta a liberdade dos filhos de Deus.¹²⁵

¹²⁴ Remete-se o leitor ao conselho em artigo recente de MIRANDA, M. F., Religiões particulares e paz universal. A contribuição cristã. In: **Atualidade Teológica**, pp. 86-87. Rio de Janeiro: Revista do Departamento de Teologia, PUC-Rio de Janeiro, Ano X, 2006 – fasc. 23. “Devemos voltar à existência histórica de Jesus para captar o que ela nos revela em sua particularidade. O que fascina a todos, de dentro ou de fora do cristianismo, é o fato de que Jesus viveu sempre *para os outros*, especialmente para os mais necessitados, sem pensar em si, sem entrar em compromissos ou se deixar corromper, sempre de modo pacífico, sem projetos próprios ou busca de auto-realização como experimentamos em nós e encontramos nos outros.”

¹²⁵ Para corroborar com essa postura, cf. GRESHAKE, G., **O homem e a salvação de Deus**, p. 237. “Uma salvação concebida como libertação significa que Deus nos ofereceu um novo início: Jesus Cristo é a ‘instância exterior’ libertadora que investe contra a corrente universal de pecado e

Uma vida plena em liberdade para servir tem a fé como prática,¹²⁶ no espaço de uma humanidade que persegue a natureza da realidade de Cristo na carne.¹²⁷ A fé não é um movimento do coração, e nem um assentimento dado a uma tradição, considerando simplesmente um ensinamento, um objeto de oferta disponível e que se pode transmitir. Nem muito menos ainda, a *fides implicita*, aquela que se confessa na Igreja, de forma teórica, de herança meio grega. Nem também é aquela que designa um estado moral ou um estado de santidade. Mais precisamente é aquela, que envolve uma prática, de entrada no mundo e na história: uma fé corporificada, com uma prática qualificada. Uma fé que não age de forma isolada, individual, mas que se subordina a uma lei, que é a lei do senhorio de Cristo. E, o senhorio de Cristo aponta para o progresso das pessoas e da criação, como o próprio Senhor, que veio para servir, e servindo deu a sua vida, a fim de que todos tenham vida.

Jesus Cristo como verdadeiramente humano, participou não somente de uma existência junto ao Pai, mas também junto das pessoas. A sua própria exaltação, através do poder do Espírito Santo, pelo Pai, significou a exaltação do ser humano. A humanidade de Cristo aparece certamente realizada, no sentido de que a nossa própria humanidade possa ser realizada. Uma humanidade realizada no tempo e no espaço em que se deve viver, como modo verdadeiramente de se assumir o *ser humano*. E, ser humano é a própria vida espiritual, vida no Espírito, essencial para Deus, em participação histórica, no ato de se realizar o bem.¹²⁸

5.3.6

Uma salvação que leva ao compromisso na história

Até aqui foi visto que a salvação está inscrita mesmo na criação, porque se confessa a fé em Deus criador e salvador. Um Deus que em Cristo se revelou ao

cegueira, e a arrebenta. Ele é o modelo que nos permite desmascarar as pressões e alienações que se fundam na injustiça e projetar um mundo fundado na liberdade, na fraternidade, na paz.”

¹²⁶ GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 400-403.

¹²⁷ Cf. GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, pp. 63-81.

¹²⁸ Remete-se o leitor mais uma vez ao artigo recente de MIRANDA, M. F., Religiões particulares e paz universal. A contribuição cristã. In: *Atualidade Teológica*, p. 87. Rio de Janeiro: Revista do Departamento de Teologia, PUC-Rio de Janeiro, Ano X, 2006 – fasc. 23. “O centro referencial da vida de Jesus estava fora dele, no Absoluto ao qual obedecia, para quem vivia, a quem invocava e a quem chamava de *Pai*. Esvaziou-se totalmente de si mesmo para manifestar humanamente o amor absoluto do (sic) Deus, para desvelar o mistério de toda a realidade como esta autodoação incondicionada.”

mundo para estabelecer uma salvação, que é sinônimo de nova criação. Essa nova criação é a vida que está sob a dinâmica do Espírito de Deus, que torna profundamente responsável o ser humano recriado em Cristo. Essa existência responsável tem a marca da salvação, a qual atinge de modo profundo, abrangente e definitivo o ser humano em sua integralidade. Faz que ele seja conduzido à vida plena e à verdadeira liberdade, características que têm implicações no exercício de uma vida de fé prática no mundo.

Mais particularmente neste ponto, faz-se necessário acentuar que a salvação conduz a vida ao compromisso na história. Uma vez que já foi definida a salvação, é necessário entender o que seja compromisso na história. Portanto, será analisado que, *salvação* e *compromisso* na história formam uma dialética profundamente existencial, e que não admite alienação. A salvação está exposta a todos os riscos de um comprometimento, porque ela é base e parte da realidade multiforme de Deus. A graça de Deus tem de se envolver mesmo no interior do sujeito, pois é socialmente mediada. Não pode escapar de sua natureza, e de fato interpela a pessoa inteira a se comprometer, estabelecendo vínculos profundos por suas dimensões; vínculos numa realidade heterogênea, assimétrica e dinâmica.

Em essência, faz-se necessário refletir sobre alguns pontos que concentram as figuras do que a Teologia trata acerca de uma salvação com compromissos na história. Compromissos que estão vinculados ao *amor*, que tem como figura a mulher; à *fé*, que tem como figura o homem; e, à *esperança*, que tem como figura, a criança.¹²⁹ Estes se constituem os elementos instaurados no cenário da existência, e que na condição de representantes do Criador, fazem a história acontecer, não sob um processo de autonomia ou heteronomia, mas de teonomia. Assim, se pode verificar nas implicações que seguem, uma tríade elementar que demonstra a razão de se configurar o exercício da salvação que assume o seu compromisso na história.¹³⁰

¹²⁹ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, p. 408. P. Gisel se expressa mediante a teologia de E. Käsemann.

¹³⁰ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 406-409.

Vejam, portanto, as prioridades na história concreta de uma existência humana em fé:

1. Uma prioridade do corpo e do mundo

É através desses elementos constitutivos, que se desenvolve plenamente a liberdade. E para que esteja marcada por um envolvimento em nível amoroso, não se pode deixar de falar da relação direta de Deus na pessoa que crê, sem a própria fé como objeto de seu dinamismo. E, nessa condição é que sempre a mediação do corpo, do mundo e da história se interpõe como prioridade. Essa mediação se desenvolve com seus elementos que interagem num grau das diferentes práticas que transformam a terra, reenviando a uma origem ausente, mas que remete a um futuro esperado no verdadeiro amor e na prática da justiça. Portanto, é nessas práticas que se percebe a verdade sobre Deus.

2. Uma prioridade de descontinuidade

Ao existir uma realidade heterogênea e assimétrica, não pode haver continuidade. Em tudo há sempre algo inusitado. A única continuidade que existe é a da graça; da misericórdia, do amor. Mas, é fundamental saber como é que se acha nessa descontinuidade a fé, bem como aquela do exercício do amor. É aqui que a Teologia se percebe como paradoxo. O mundo é composto de enigmas e a Teologia tem de tratar de uma realidade que contempla certas adversidades com seus paradoxos. O mundo tem em seu substrato as suas contingências.¹³¹ Assim, toda a história, sendo a mais decidida, torna-se importante haver uma certa percepção, de como é desenvolvida e de como é tomada. E, por conseguinte, qual é o tipo de relação que alguém põe entre verdade e história; e como finalmente alguém pensa em Deus. Não de modo impessoal, mas com todas as características de pessoalidade, pois houve a sua manifestação sob um regime de encarnação.

3. Uma prioridade de esperança

Essa prioridade tem o intuito de conduzir o pensamento a respeito de um futuro a se instaurar. Neste sentido, torna-se importante considerar o mundo, a realidade, o corpo e a história de modo global. Todas essas realidades apontam

¹³¹ Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 410 ss.

para uma Promessa de um futuro ainda para se realizar. Ao mesmo tempo em que se celebra um passado, e se vive um presente com seus paradoxos, é certo que haverá a realização de algo que em esperança se aguarda. Sendo assim, a Escatologia não pode ser vista como fim terrível do mundo, mas como reestruturação da criação. O primado teológico não engole a história; a Protologia e a Escatologia desfrutam de uma certa prioridade essencial. Ambas se inscrevem na história, na sua contingência, com suas determinações e suas diferenças. Entre o começo e o fim existe a morte e a cruz. Entre a revelação evangélica de Deus e o apocalipse final, existe a luta cotidiana da mentira e da verdade.

Diante disso há o primado cristológico, que não aparece fora da história; que também não se prende apenas aos momentos de um futuro. O primado cristológico conduz ao primado da fé sob o quadro de uma escatologia presente. É uma situação em que o povo de Deus é chamado a uma nova marcha no deserto, conforme a imagem do antigo Israel, entre a saída do Egito e a entrada na terra da promessa. E, Jesus é a figura, o modelo sobre o qual o povo em marcha vai ser conformado, pois ele é o grande Sacerdote, que nos introduz diante de Deus, constituindo-se mediador entre Deus e os homens. Aqui, segundo Pierre Gisel, acha-se a essência da cristologia original, sendo o ofício de mediador o primeiro de Cristo. Portanto, mediador da criação.

Sobre a figura de Jesus como o grande Sacerdote, sobressaem dois pontos fundamentais:¹³²

1. Um pensar em forma de história

De modo contrário, em relação ao salvador dos mitos gnósticos, o Cristo do Evangelho tornou-se conhecido e aprovado na sua carne, configurando-se como o caminho do povo de Deus. Todo o culto a ele é realizado em verdadeira adoração, pois se deu o abaixamento de Deus na história dos mortais. Há a realidade corporal e de abaixamento que jamais se conheceu na história, de um Deus que se identificou com a humanidade na história repleta de paradoxos, de contingências. Um Deus que se humilhou e morreu numa cruz: Jesus que foi feito Senhor e para que diante dele todos se dobrem, reconhecendo-o como Senhor e Salvador. É

¹³² Cf. GISEL, P., *Vérité et histoire*, pp. 419-421.

justamente nessa base que se encontra o sentido de toda a marcha do povo de Deus, na realização da Promessa de uma nova situação. E, o povo de Deus marcha sob a condição de um discipulado que não elimina o sofrimento, pois há um êxodo que, em esperança vai sendo experimentado. Nessa experiência o povo de Deus conta com a presença do Senhor na realização de uma aurora que envolve um processo cósmico e natural.

2. Os homens e mulheres salvos são filhos e filhas de Deus na medida onde todos se encontram na relação do Filho de Deus conosco

Este segundo ponto se caracteriza pela figura ativa conferida a Cristo. Ele é chamado Filho prolepticamente, na relação com os filhos que também o são nessa medida, inseridos na ação histórica de Jesus. Desta forma, há um rompimento com toda a idéia de dualismo gnóstico. E, os pontos inerentes à encarnação de Cristo que rompem com certo dualismo têm de ser considerados numa relação proléptica, que são os seguintes: 1. Nos tornamos filhos e filhas de Deus por graça, numa perspectiva histórica e universal. Há aqui uma genealogia recapituladora, que interpela a genealogia do próprio Cristo. 2. O lugar e a realidade da encarnação apresenta uma veia histórica ou genealógica. Lança-se justamente na oposição de uma mortificação da carne e de uma vivificação no Espírito.

Uma salvação que conduz ao compromisso na história, evoca enfim, uma nova ordem, uma realização que se impõe e se obriga como palavra primeira e última.¹³³ Possui em seu bojo que, para essa realização é imprescindível a afirmação de fé no Deus criador e salvador. Que essa realização não se prende a um ponto relacionado apenas ao futuro, mas que hoje mesmo há o convite para uma ação com compromisso na história presente. É um sentido que aponta dentro de um tempo e de um espaço a uma origem e destinação do ser humano e da criação. Isso tem de ser assim, porque o homem moderno é freqüentemente o homem de um mundo sem Deus e de um Deus sem mundo, sem criação e sem acabamento.

¹³³ Cf. GISEL, P., *Création et eschatologie*. In: **Initiation à la pratique de la théologie**. Dogmatique II; Direction de Bernard LOURET et François REFOULÉ, 3^a édition. Paris: Cerf, 1993, pp. 615-722.

Por que um compromisso de uma salvação em termos históricos? Porque a vida e a história são atos primeiros de Deus. A responsabilidade da Teologia é interpretar e interpelar a essa consciência, uma vez que essa consciência está bem empobrecida hoje. Diante dessa realidade a boa teologia dirá que a criação é uma graça; e que o presente histórico tem de ser vivido em graça. Uma natureza que é mediatizada pela cultura, pela história e pela Palavra, constituiu-se o Jardim do Éden, que é a própria terra promissora. Esse é o espaço em que o homem não pode assumir o lugar de Deus, mas ser co-criador com Deus. Homem e mulher ocupam no coração da realidade criada, um lugar central com certa medida. O ser humano pode criar, esta é a sua vocação,¹³⁴ mas não é criador em situação primeira; ele é criador responsável em situação de resposta. Tentar ultrapassar esse aspecto é obstruir o progresso da humanidade e da terra.

Urge que, hoje mesmo, essa interpelação da Teologia alcance e desperte filhos e filhas de Deus para agirem com consciência de sua vocação, que receberam das mãos do Criador; de uma vocação humana que tendo como base a salvação de Deus, assuma um compromisso na história. Todos recebemos a vida que vem de Deus para a construção e desenvolvimento de tudo o que faz parte da boa existência, conforme a ação de Jesus de Nazaré, o Deus-homem, que serviu sem interesse pessoal. O seu projeto era cumprir a vontade do Pai, que era a de servir ao ser humano e à história.¹³⁵

¹³⁴ Remete-se o leitor ao que escreveu BOFF, Lina. Índole escatológica da igreja peregrinante. In: **Atualidade Teológica**, pp. 11-12. Rio de Janeiro: Departamento de Teologia da PUC-Rio de Janeiro, Ano VII, 2003, fasc. 13.

¹³⁵ Registro recente em artigo teológico remete ao modelo de Jesus Cristo: MIRANDA, M. F., Religiões particulares e paz universal. A contribuição cristã. In: **Atualidade Teológica**, pp. 188-189. “As palavras e as ações de Jesus levaram mais vida aos que dela careciam como os curados, reintegraram na sociedade os excluídos como os leprosos, deram esperança aos desanimados como os pecadores, acolheram a todos como os estrangeiros, desfizeram discriminações como com as mulheres, condenaram aqueles que geravam injustiças e sofrimentos como os ricos, as autoridades religiosas, os conhecedores da Lei. Ao estabelecer o amor aos necessitados como critério decisivo da salvação, Jesus relativiza todo o resto e proclama que o Reino de Deus é realmente acolhido na medida em que fazemos nosso o amor de Deus pelos necessitados (Mt 25,31-46). O cristão é aquele que, sabendo-se amado e perdoado por Deus, procura *agir do modo de Deus*, procura amar como Deus, gratuitamente, sensível aos mais carentes. Assim fazendo ele faz acontecer, embora parcial e imperfeitamente, o Reino de Deus, a fraternidade, solidariedade e a paz na humanidade. No fundo, a universalidade do amor ao semelhante só é alcançada, só é de fato real no amor àqueles que nada nos pode oferecer, àqueles que carecem de bens, influência e poder, portanto que é amado por ser pessoa humana e nada mais.”

5.4

Horizontes de complexidade que superam o dualismo

Superar dualismos e não dualidades é a missão da Teologia como ciência. Dualidades são características essenciais de todos os elementos da natureza, inclusive do ser humano na condição de ser complexo, ser de relações. O homem (*ανθρωπος*) é um ser complexo, ser que congrega em si elementos bipolares.¹³⁶ Os dualismos não consideram as dualidades, porém as separa. O objetivo que perfila os dualismos é sempre um elemento em detrimento de outro. E, por essa via, o pensamento do homem moderno há tempo vem perseguindo suas reflexões, gerando cada vez mais valas depressivas, que servem de abismos para incautos.¹³⁷

A denúncia crítica de Pierre Gisel convida a Teologia a um engajamento, considerando que:

O sonho do homem moderno guarda com efeito um segredo: órfão, despojado do passado, o homem pensa e age como se ele precisasse resgatar o mundo. Obsessão de uma perfeição e de um domínio onde moralismo e idealismo se conjugam. Porque o homem é sem passado, somente de habitação presente, projetado em outros numa busca que será uma busca de morte. Essa é a situação do homem moderno: tábula rasa alimentada de origens cartesianas, racionalismo e ataques nascidos com o Iluminismo (*Aufklärung*). A crítica a uma metafísica se fecha em sua radicalidade.¹³⁸

O homem não pode querer transformar a terra e a criação, em razão de sua própria vontade que considera única, dando a configuração que queira dar sem considerar uma complexidade. Uma complexidade é necessária porque é parte essencial das linhas que perpassam o horizonte de trabalho e de coordenadas culturais e sociais. O homem moderno em seu perfil se enquadra no que constatou Pierre Gisel: “O homem moderno será freqüentemente o homem de um mundo sem Deus e de um Deus sem mundo. Sem criação.”¹³⁹

¹³⁶ Remete-se o leitor ao pensamento de MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. [Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya]; São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002. 118p. Verificar especialmente as páginas 47-61.

¹³⁷ Para um aprofundamento remete-se à obra de GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 11-74.

¹³⁸ GISEL, P. **La création**, p. 6.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 8.

A criação é uma realidade teológica, e uma teologia da criação que concentra sua base no Deus Criador e Salvador, pode argumentar prontamente, no sentido de fazer desmoronar todo tipo de dualismo.¹⁴⁰ Uma teologia da criação se abre por excelência para uma reflexão acerca dos *limites*. Limites que fazem parte da própria criação, compondo uma realidade no seguinte nível: assimétrica, heterogênea, portanto, diferente de Deus. Deus também não se confunde com a sua criação, e nem muito menos está distante dela. E, para que a Teologia não se distancie dessa configuração, é preciso ter em sua natureza e em seu propósito a certeza de uma salvação que precede e engloba a confissão de Deus como criador.

A Teologia é certamente uma disciplina interpretativa. E, mais que o gesto interpretativo é atender com precisão às exigências próprias do tempo presente. Ação própria de quem confessa uma criação e uma salvação; que interpela a uma complexidade. E mais ainda: uma doutrina da criação é teologicamente correta quando ela se apresenta como interpretação necessária de uma história, de uma prática e de uma confissão de fé. A Teologia tem como bases revelatória: a Bíblia, a Criação e História. A Bíblia é a Revelação Especial; a Criação e a História são partes da revelação natural. Assim, a visão da Teologia precisa considerar mesmo as palavras de Pierre Gisel: “A terra como criação de Deus e não segundo o modelo de uma filosofia gnóstica de herança mais ou menos grega...”¹⁴¹

5.4.1

Horizonte de complexidade teológica

O horizonte de complexidade teológica considera o lugar e a função da Teologia, ocupando-se com questões clássicas: Que é o homem? Que é o mundo? Que é Deus?¹⁴² São três questões que não devem ser tratadas de modo isolado. Não se pode falar do homem sem falar de Deus; não se pode falar de Deus sem falar do homem; não se pode falar do homem e de Deus sem falar do mundo. E,

¹⁴⁰ Cf. sobre a raiz do problema para uma reflexão em nível complexo GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**, pp. 75-84.

¹⁴¹ GISEL, P. **La création.**, pp. 28-29.

¹⁴² GISEL, P. **Vérité et histoire.**, pp. 30-31. Além das obras de Pierre Gisel, recomenda-se ao leitor a obra de SEGUNDO, J. L., **Que mundo? Que homem? Que Deus?** [Tradução: Magda Furtado de Queiroz]. São Paulo: Paulinas, 1995. 581p.

uma boa teologia é a que não segue quaisquer linhas dualistas, mas persegue o viés da complexidade.¹⁴³

O mundo é a realidade instaurada em singularidade, sob uma diversidade heterogênea de elementos ricos que não surgiram de moto próprio. Essa diversidade rica e complexa tem sua origem no ato criador de Deus. Dentro dessa realidade foi colocado o ser humano, na condição de homem e mulher. Homem e mulher criados também por Deus.¹⁴⁴ Destarte, considerando-se as estruturas próprias do mundo e, concomitantemente, do ser humano, torna-se inadmissível não admitir uma criação estabelecida em singularidade por um Deus criador. A beleza dos céus e a majestade do ser humano manifestam a glória de Deus (Salmos 8 e 19). Apresenta uma configuração que compreende uma assimetria e uma diversidade, que não deixa de admitir que todas as diferenças são importantes e necessárias; e que o mundo é lugar de provas e de bênçãos.¹⁴⁵

A partir dessa estrutura estabelecida, pode a teologia trabalhar a linha da *teodiversidade*, pois é termo próprio que compete ao aprofundamento de uma boa reflexão e ação teológicas; e uma boa teologia é a que considera a complexidade da criação. Uma reflexão nessa linha, mostra que a teologia não é ciência a especular pontos abstratos, que trata somente de um Deus sem uma criação, e de uma criação sem Deus.

Existe no etos da experiência do homem moderno, um problema básico que faz gemer a própria criação; problema que o homem não pode resolver por sua própria conta. O problema que é estudado pela Teologia, e que tem apenas uma solução para ele. O problema do mundo é o do *homem querer ser como Deus*. E, ser como Deus da maneira errada: destruir o seu semelhante e os outros elementos da criação. O homem é convidado a receber a realidade e nela habitar; a sua identidade depende de nessa realidade se lançar de corpo e alma, com a sua vida e para a vida diante de Deus. Mas, ele prefere trilhar o caminho da desobediência, de não querer reconhecer um Deus criador e uma Lei instituída; de usar a sua liberdade não a favor, mas contra os outros.

¹⁴³ Remete-se o leitor à observação de SEGUNDO, J. L., *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p. 41 s.

¹⁴⁴ Recomenda-se a leitura de GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, pp. 91-145.

¹⁴⁵ Cf. GISEL, P. *Création et salut.*, pp. 123-128.

O horizonte de complexidade teológica compreende interpretações que são estruturantes da própria Teologia, e que de outra forma não poderá condizer com sua essência, natureza e propósito. Vejamos:

- **Uma interpretação da origem e do destino do *homem***

Uma interpretação global do mundo e do destino do homem, sugere confessar um primeiro projeto criador de Deus e uma promessa escatológica. O homem não nasceu por acidente. Ele não é um ser estranho, e precipitado sobre a terra, mas ao contrário, o homem é terrestre, feito do pó da terra (Gênesis 2.7). A sua criação foi em função de ser parceiro de Deus, no sentido de administrar as diferenças estabelecidas e não excluí-las. O homem e a mulher formam a comunidade, a instituição e a maneira original do mundo ser conduzido sob uma ordem já instaurada, a fim de construírem bem a história. Uma construção a ser realizada, com respeito e bom trato com todos os elementos criados. Assim, teologicamente, o homem tem de reconhecer que Deus é a sua única segurança, bem como a sua única esperança. Essa afirmação de fé é fundamental à vida.

- **Uma interpretação do *mundo* com suas diversidades e contingências**

A criação é oferta de Deus; é bênção que o homem tem de acolher com ação de graças. É no mundo que o homem pode exercer seus dons; é na exterioridade em que ele sai de si, mas em comunidade, para construir não uma torre que atinja os céus. Mas, uma multiplicação dos semelhantes e da construção de uma história sem desobediência, sem assassinatos, sem discriminações, sem ganância, sem desequilíbrios. O mundo é o cenário, é o espaço da ação do homem. Portanto, conservar esse espaço sugere haver o desdobramento da vida. Tudo foi colocado à disposição do homem, a fim de que ele use com sabedoria e equilíbrio todas as coisas. É no mundo que o homem é chamado a ratificar consciente e livremente a sua vocação; ele é chamado a assumir um real poder. Um poder para servir e não para execrar a criação.

- **Uma interpretação que não exclui *Deus***

A Teologia trata de Deus de suas relações com a criação. Deus é o criador e salvador. Deus ao estabelecer todas as coisas saiu de si, através das obras da

criação. Deu-se mais ainda, saindo mais de si, da sua glória ao se identificar com o homem em seu Filho, e com a promessa de continuar permanentemente com o ser humano recriado em Cristo, sob a consolação do Espírito Santo, gerando uma cristificação intensa.¹⁴⁶ Assim se pode afirmar a fé num Deus trinitário e pessoal, que age *em e por* amor.

Homem, mundo e Deus são objetos fundamentais da Teologia, mas de modo complexo; de modo profundamente relacional. Essa chamada da Teologia para haver uma complexidade, prende-se ao fato de existir o mal no coração do homem. A sua liberdade não é exercida com equilíbrio, pois há uma tendência para que o homem se esqueça de que a criação é boa, e de que melhor ainda é Deus em seu amor. O problema básico é que homem se colocou na situação de criador absoluto, sem limite. A partir desse ponto, passou a criar coisas para a destruição do seu semelhante e do planeta. Esse é um grave problema, e que por mais que existam soluções, estas não conseguem se expressar positivamente. O homem sozinho não pode remediar as conseqüências do pecado. Mas, mesmo havendo uma ruptura consumada, Deus não abandona o homem, deixando-o à mercê do seu pecado e de seu próprio destino. Nem também a criação, que traz em si mesma as marcas do Criador.

Dentro de sua complexidade a Teologia tem a missão educativa de despertar o homem para a solução do seu grave problema. Segundo Pierre Gisel, é somente na dimensão do polo Cristológico-Pneumatológico¹⁴⁷ que o homem e a criação podem voltar a um convívio saudável. Sendo a cristologia mediação original, contemplando Jesus Cristo como mediador da obra da criação, conforme o enfoque bíblico-neotestamentário, faz que a dinâmica da criação tenha mesmo lugar na cristologia. Cristo é a face humana de Deus; a imagem perfeita de Deus. Deus com os homens e com as mulheres, assumindo todos os riscos da encarnação. Uma encarnação que resgata o verdadeiro modo de se viver a humanidade. Uma humanidade posta a serviço na história. Um serviço de reestruturação do mundo a partir do homem, pois quem está em Cristo é nova criação (2 Coríntios 5.17). Cristo é o paradigma verdadeiro da pessoa humana.

¹⁴⁶ Ver com mais detalhes GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**, pp. 146-177.

¹⁴⁷ Em todas as suas obras citadas neste trabalho, Pierre Gisel discorre sobre o polo Cristológico-Pneumatológico com profundidade.

A obra de Jesus Cristo foi marcada pela sua obediência, dando prioridade a uma ordem de uma aliança inscrita num Testamento. Uma obediência que conduziu Cristo à morte de cruz. Morte de cruz, por fazer Jesus o somente o bem, não sendo pré-destinada por Deus, mas como consequência de sua missão messiânica. A morte era sorte dos profetas do Antigo Testamento, como era também a sorte do Servo do Senhor (Isaías 52.13-53.12).¹⁴⁸ Jesus deu a sua vida para recuperar a criação. Encontramos no Novo Testamento (João 10.10) a sua palavra de ter vindo para que todos tenham vida.

O ato de Jesus ter sido concebido pelo Espírito Santo tem um caráter muito especial para a Teologia. O que enfoca como articulação em termos de uma complexidade? Uma ação pneumatológica, que tem a pretensão de dizer que no ser humano existem todas as possibilidades vitais; uma existência que vive e faz história; que o Verbo em pessoa põe a história em movimento; desafia o ser humano a uma vida dinâmica em prol do bem; que é o paradigma da pessoa que, a cada dia, se humaniza pelas suas ações de bondade; que o ser humano é a imagem de Deus, pela sua estrutura dialógica e responsável. Dar-se uma passagem pela carne humana na condição de um reenvio decisivo a Deus; uma encarnação inscrita num processo de desenvolvimento e diferenciado, que remete a uma conclusão, a uma consumação. Assim, se pode testificar do material da salvação: Deus amou primeiro e enviou seu Filho, para haver a reconciliação consigo mesmo, por meio de Cristo.

A complexidade teológica que faz superar todo e qualquer dualismo, trata da ação de Deus em Cristo na condição humana. Uma ação em prol da salvação do homem, que envolve uma ordem de equivalência cósmica. É o que mostra o Evangelho, em que Jesus converte o seu sofrimento em intercessão; um Deus que assume as consequências do pecado, sendo condenado pelo poder religioso não interrompe e sua missão salvífica. Este é um ponto que a Teologia não considera a cruz como uma derrota, mas como um reverso dialético. Em Cristo, o ser humano dá a volta por cima. Jesus ao ressuscitar, significou a própria ascensão do humano, pelo Espírito. E no Espírito se passa a viver a realidade de uma nova vida pela vida de Cristo.

¹⁴⁸ Sugere-se a leitura da obra de CULLMANN, O., **Cristologia del Nuevo Testamento**. Buenos Aires: Metthopress Editorial, 1965, pp. 67-101.

5.4.2

Horizonte de complexidade cosmológica

A fé e a teologia se exprimem legitimamente em termos de cosmologia.¹⁴⁹ No seu bojo contém uma proposta que compreende as figuras do mundo, com umas espessuras semânticas, corporais e institucionais. Por isso, há a necessidade do conhecimento acerca do cosmo, compreendendo suas origem, suas leis de seu desenvolvimento e seu fim. Também é necessário verificar que sempre mudanças estão ocorrendo, nos mais diversificados segmentos diversificados, como por exemplo: científico, psicológico, filosófico, cultural... Assim, a Teologia não pode ficar aquém dessas mudanças, pois ela tem em muito a ver com todos esses segmentos, uma vez que tudo o que passou a existir não é fruto do acaso, mas obra de um Deus criador e salvador.

Sobre as diversas mudanças em termos cosmológicos, como por exemplo a da concepção da terra como o centro do cosmo, do homem como o centro da terra, da teoria da relatividade ou da física quântica; também das pesquisas sobre o cérebro entre outras, mostram que a história passa por mudanças de visões e de paradigmas. Tudo isso possibilita haver aculturações ou cruzamento sociocultural. E, diante de toda essa realidade e de todos os seus aspectos, não deve existir um cristianismo à parte dessas ocorrências, pois o seu perfil tem de ser como desde as suas origens, compreendido de institucionalização e de contestação.

Com a finalidade de se refletir acerca do engajamento do cristianismo em sua dimensão teológica, de uma realidade rica e complexa, mediante as propostas de Pierre Gisel¹⁵⁰ para essa configuração necessária, tem de haver uma complexidade da Teologia em termos cosmológicos. Portanto, seguem abaixo os pontos com seus desdobramentos para uma tomada de consciência da Teologia em relação ao mundo com suas mudanças e paradigmas. Esses pontos são mesmos propostas que não devem ser ignoradas pela Teologia.

¹⁴⁹ GISEL, P. *La création.*, p. 29.

¹⁵⁰ Cf. as seguintes obras de GISEL, P. e KAENNEL, L. *La création du monde*, Genève-Bienne: Labor et Fides, 1999, p.p. 111-118; GISEL, P. La théologie face aux changements des représentations du cosmos. Quelle odyssee et pour quitter quels héritages? In: *Théologiques*, Lausanne: 9/1 (2001) 17-48.

Para uma tomada de consciência da Teologia em relação ao mundo

1. Dados científicos elementares em evidência no coração do mundo e da história

Os dados científicos sobre a origem do mundo estão em todos os segmentos educacionais. Esses dados tratam de um universo que tem uma história, sendo esta da matéria que se organiza a partir de um *big bang*, compondo a visão que edifica o estado de consciência de conhecimentos científicos. As observações realizadas estão num grau de uma evolução que contempla o universo se arrefecer, se dilatar e se estruturar da menor escala (o mundo das partículas), como também das maiores escalas (as galáxias e os acercos das galáxias). E, com vistas a isso, há um preparo do berço sobre o qual despontará e que é preciso se ajustar e se impor hoje, uma continuidade entre evolução do universo e a da própria vida, entre o inerte e o vivente.

É importante sublinhar que os dados científicos são importantes, frutos de intensas pesquisas, mas que não estabelecem um começo da vida; que não é verdadeiramente possível determinar um começo da vida humana.

No que toca ao ser humano, convém observar as considerações relativas ao funcionamento do cérebro. Um funcionamento que guarda secretamente a memória acumulada, apresenta pontos de extrema evolução, que a própria ciência têm constatado, mas que ainda permanecem obscuros. Mesmo assim, as descobertas científicas têm relatado avanços em termos da fé, da cultura e das sociedades. Os trabalhos recentes em biologia molecular e os mecanismos do cérebro são registrados com resultados espetaculares. Esses trabalhos demonstram amplamente uma quebra de dualismo, do tipo *corpo/espírito*, que envolve as células do cérebro como base de um espírito ou de um sujeito livre.

O cérebro envolve uma complexidade com seus planos bem determinados. Planos do cérebro: *Anatômico* (conexões e entrelaçamento neuronal – ordem de grandeza); *Psicológico* (atividade elétrica e sinais químicos que circulam); *Comportamental* (permite sustentar o cérebro para que funcione e se projete). Desta forma, se pode verificar que o cérebro é complexo e hierarquizado. Ele registra e analisa a informação por muitas vias paralelas. Ele desenvolve uma atividade espontânea na história da vida, das modificações internas, passando por uma aprendizagem. Assim, há uma memória *primária* ou imediata, de trabalho

presente; e uma *secundária*, inconsciente. Nos *gens* das células do ser humano são profundamente inscritas as heranças, que remontam as origens da vida. Assim, com o homem há uma evolução genética deixada em suspense, onde aparece prolongada sobre o todo não-genético (social e cultural). O socialmente apropriado acha sua inscrição no cérebro.

Ao ser considerado profundamente o homem em seu mais alto grau de complexidade, percebe-se, concomitantemente que, a história do universo é feita de diferenciações; de complexificações, de especificações. Destarte, a vida supõe a diferença. O ser humano está inscrito em contingência. E, se há no próprio homem um mistério em sua complexidade genética detectada pela própria ciência, da mesma maneira também é com o universo.¹⁵¹

2. Exposição de dados elementares bíblicos e cristãos

Alguns pontos precisam ser refletidos, considerando uma exposição bíblica, sob o ponto de vista do cristianismo. Segundo análises exegéticas há dois textos bíblicos que tratam da criação, que são os de Gênesis 1.1-2.3 e 2.4-25.¹⁵² Seguem-se os pontos que abordam a base bíblico-cristã:

- **Das cosmologias variáveis**

Através dos relatos bíblicos da criação, com a descrição dos começos e das representações cosmológicas, sugerem uma diferença. Os dois textos não são da mesma época, podendo-se verificar que o segundo texto foi escrito antes do primeiro. Verificando-se outros textos bíblicos, constam outras imagens ainda do começo do mundo e daquilo que assegura a sua estabilidade (Salmo 104.5; Jó 38.3-6; 38.8,16; Salmo 74.12-14; 89.11; 104.26; Jó 40.15,25; Isaías 40.12-18; 44.24; 45.7; 54.16). Há uma linguagem diferente, com figuras mediadoras, das

¹⁵¹ Cf. uma postura crítica, segundo BYRRO RIBEIRO, M. e PASSOS VIDEIRA, A. A. Cosmologia e pluralismo teórico. In: *Scientiae Studia*, São Paulo:, v. 2, n. 4. Pp. 519-535, 2004. Existem argumentos científicos com atitudes dogmáticas, contrárias ao espírito científico. Essa fortíssima ortodoxia e esse enorme conservadorismo freqüentemente se originam quando os pesquisadores confundem o objeto pesquisado com suas teorias, acreditando que estas últimas são o próprio objeto pesquisado, além de não admitirem nenhuma variação nessa forma de ver o mundo. Quando isso ocorre, cria-se um ambiente onde a teoria considerada como a melhor representante do objeto pesquisado desempenha o papel de verdade suprema e única, nunca questionada.

¹⁵² Remete-se o leitor à obra de VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. [Tradução: Francisco Catão]; São Paulo: Aste, 1986, pp. 147-169.

que constam nos textos de Gênesis.¹⁵³ Porém, é preciso observar uma quantidade de figuras mediadoras próximas de Deus, que acompanham o segundo registro de Gênesis, em relação a uma criação cósmica, fora da medida humana e de um princípio secreto que está contido no seu interior, por se fazer uma criação para a vida. Destarte, a linguagem que menciona a “Sabedoria” é essa linguagem especial, dentro da diversidade de linguagens, que tratam de uma criação como obra divina. Portanto, a Sabedoria é assim descrita: Artífice do universo (Sabedoria 7.22; 86); Próxima de Deus (9.9); Precedeu a criação e a presidiu (Provérbios 8.22-28). Há, portanto, um elogio à Sabedoria (Sirácida 24.1-22).

Uma forma análoga, com uma estrutura semelhante ao Antigo Testamento, se encontra inserida no Novo Testamento. Mas a propósito de Jesus Cristo, sendo este o mediador da criação (Colossenses 1.15ss; Efésios 1.4-10; Hebreus 1.2; João 1.1-4). Aqui está a ótica cristã em relação à criação: tudo foi criado por intermédio de Cristo. Isto significa o mistério que estava oculto, revelado de modo pleno na história, onde não se tem apenas um conceito, mas uma realidade instaurada.

Quanto à recepção da Bíblia pelas teologias cristãs, supõe que, no curso do tempo, existem representações mutáveis. Essas representações têm suas visões acerca do mundo, como por exemplo: estóicos (concentração numa lei natural); neoplatonismo (retomadas sob uma analogia ou a mística cristã); aristotelismo (diferenciações internas do ser que acompanham e os diversos ordenamentos de qualidades essenciais); modernidade (o mundo e o homem como máquinas). Em se tratando de uma teologia cristã acerca da criação, pode-se constatar, por sua vez, uma relação intrínseca intertestamentária. O Novo Testamento refere-se sempre ao Antigo Testamento. Uma tal relação revela que, a teologia cristã não pode apresentar, senão uma verdade sobre o mundo e sobre Deus com seus enunciados que remetem sempre ao Absoluto.

- **Dados bíblicos**

A perspectiva do plano bíblico diz da consistência própria da autonomia do mundo e da realidade. A criação aparece como obra de Deus, sendo esta

¹⁵³ Não se tem aqui a intenção de fazer uma abordagem lingüística, comparando os diversos e diferentes textos do AT sobre a criação. Isso está a cargo dos exegetas, bem como dos que são especialistas nessa área.

inteiramente boa, composta de uma diversidade e estabelecida sob uma assimetria original. O mundo aparece como “terceiro”, entre o ser humano e Deus. Sendo assim, não há nenhum estado de homogeneidade, e, isto não se constitui uma imperfeição, antes se torna como pivô decisivo no coração do mundo. O remeter a Deus e todas as proposições de entrada de uma realidade com suas diferenças são fatores que partem para uma teologia. Sendo desta maneira, se tem de olhar o mundo de forma integral, contemplando sua realidade profana e exterior. E, esta é uma observação que a Igreja tem de considerar com todos os seus dados simbólicos e sua ordem de pertença e de representações, em referência ao que faz crer o cosmo como tal.¹⁵⁴

O mundo se apresenta sob uma contingência, e é dado com exceção de toda imediatidade do humano e do princípio que ele vive, sua origem e sua verdade. Um mundo como contingente compreende o enigma do mal original, e chama a matéria à verdade última ou Deus, não segundo uma lógica de continuidade e de síntese organizadora, mas sob um drama em que se tem de responder, de decidir, teológica e espiritualmente, diante de Deus. Esse modo de responder a Deus se realiza no mundo. E, responder como se fosse Deus – ser como Deus – possuir e dominar, se constitui pecado. O homem tem de ser imagem e semelhança de Deus em situação de resposta, de forma responsável, porque o evento da existência, que se inscreve, toma corpo num espaço aberto e numa irreduzível pluralidade. E, a realidade se dá sobre um horizonte universal.

Ao serem acolhidos com reflexão esses dados das obras de Pierre Gisel, se pode perceber que, biblicamente, a história do mundo e dos homens é enquadrada em textos bíblicos, que tratam de suas origens e do fim que não pode ser colocado à parte, nem considerados como homogêneos. Eles evocam em forma de imagens (mitos e apocalipses) dados de uma outra ordem e que sancionam uma descontinuidade: uma origem versos a qual não será a de remontar nem sua história nem a dos homens. Assim, entre os dois textos bíblicos, existem dois tipos de dados: *cunho cósmico* e *efetuação do humano* no coração do mundo sob cunho histórico. Ao lado de uma matriz estabelecida de elementos do mundo, conflui para um momento genealógico.

¹⁵⁴ GISEL, P., *L'Excès du croire. Expérience du monde et accès à soi*. Paris: Desclée de Brouwer, 1990.

- **Elementos de recepção histórico-cristã**

A antiguidade tardia, verdadeira matriz de nossa civilização ocidental, tem se feito objeto de numerosas proposições de salvação (através das diversas gnosis), maniqueísmos e certas retomadas de mistérios. O cristianismo é uma delas. Mas, sob sua forma própria e com suas características, cristalizam e pensam uma posição de salvação extrínseca ao mundo e ao ser humano.

O cristianismo considera e apresenta o mundo mediante uma ordem que envolve um mistério diferenciado: o mistério de uma intriga inscrita no coração da criação e de uma liberdade tomada de uma sedução do infinito, infeliz; e a promessa de uma subversão possível para melhor. Entre Deus e a criação, entre Deus o homem, não existe um plano básico homogêneo, nem de coordenadas, nem de medidas comuns. Deus é amor e graça imprevisível. Isso quer dizer que, se supõe um equilíbrio de forças dualistas. Há uma referência ao Deus outro, mas que não está sob as formas das coisas, nem mais achegado, nem com algum potencial escondido. E, a propósito da criação, há uma realidade que tem forma e qualidade, que apresenta uma complexidade e que vive de relação. A criação é relação; relação de graça e não de necessidade; uma relação inscrita a título constitutivo pelo fato de existir.

A teologia natural foi sancionada no Concílio Vaticano I, na sua constituição *Dei Filius* (1870). Entre as suas citações segue esta: “Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana a partir das coisas criadas” (Cap. 2). Sobre esta declaração se situa sobre o plano de objetividade. De tal modo, se percebe que espontaneamente age o homem moderno, mesmo se ele se movimenta mediante uma objetividade, onde a Igreja não vê as coisas da mesma maneira que os cientistas. Assim, passou a existir um conflito, mas cada um no seu nível. Nem um nem outro abriu mão de seus postulados a fim de haver diálogo. Em face disso, podem ser percebidas as mais diversas correntes teológicas e filosóficas do Séc. XX.¹⁵⁵ Em razão disso, a teologia da criação passou a último plano. Ela se achou abandonada; tomada apenas como prolongamento, por extensão, da experiência de uma libertação;

¹⁵⁵ Remete-se o leitor a duas obras fundamentais: GIBELLINI, R. **A Teologia do Século XX**. [Tradução: João Paixão Netto]. São Paulo: Loyola, 1998. 591p; PENZO, G. e GIBELLINI, R. (Org.). **Deus na filosofia do Século XX**. [Tradução: Roberto Leal Ferreira]. São Paulo: Loyola, 1998. 663p.

experiência única e fundadora, mas intra-histórica justamente e não inscrita no cosmo. A experiência cabível passou a ser somente a de um Deus libertador.

3. Proposição teológica ou uma olhada mediante a não-homogeneidade ou das contradições que se resgatam a partir da confrontação dos pontos 1 e 2

Segundo Pierre Gisel, entre as afirmações da Ciência sobre os começos e a consistência ou a estrutura do universo, da vida e do ser humano, de uma parte, as da Bíblia, como também aquelas de outras tradições religiosas, existe um hiato.¹⁵⁶ O salto entre o discurso científico e discurso de fé envolve uma realidade mais irreduzível. Ela afeta profundamente o lugar do ser humano no mundo. É preciso estabelecer uma complementaridade entre os discursos científicos e os da Fé.¹⁵⁷

Por que estabelecer uma complementaridade? É justamente em função da existência de uma pluralidade no plano do mundo e da história humana, que vai de par com uma diversidade de instâncias e de racionalidades. Que instâncias e racionalidades? Vejamos: políticas; civil; do direito ou moral; o saber científico; a expressão cultural e religiosa.

4. Uma visão sobre os tipos de articulações possíveis entre o saber científico e o ato de crer

Aqui está a grande contribuição de Pierre Gisel, com seus modelos, destacado no presente trabalho. Os modelos que propõe são para uma empreitada da complementaridade em termos científicos e teológicos, que inserem a teologia numa reflexão e relação de alto nível, com o intuito de fazer o mundo perceber algo mais elevado, no sentido de um profundo engajamento de perfil frutífero.

¹⁵⁶ Cf. REEVES, H. *Patience dans l'azur. L'évolution cosmique*, Paris, Seuil, 1981; *Dernières nouvelles du cosmos*, Paris, Seuil: t. I: Vers la première seconde, 1994 et t. II: La première seconde, 1995; HAWKING, S. *Une brève histoire du temps. Du big-bang aux trous noirs* (1988), Paris Flammarion, 1989; HEIDMANN, J. *L'odyssée cosmique. Quel destin pour l'Univers?* Paris, Denoël, 1986; VON WEIZAECKER, C. F. *Die Geschichte der Natur*, Zürich, Hirzel, 1948. In: GISEL, P. *La théologie face aux changements des représentations du cosmos. Quelle odyssée et pour quitter quels héritages?* In: **Théologiques**, Lausanne: 9/1 (2001), p. 34 ss.

¹⁵⁷ Cf. MALDAMÉ, Jean-Michel. *Le Christ pour l'univers. Pour une collaboration entre science et foi*, Paris, Desclée, 1998. In: *La théologie face aux changements des représentations du cosmos. Quelle odyssée et pour quitter quels héritages?* **Théologiques**, Lausanne: 9/1 (2001), p. 35 ss.

Vejam os seguintes **modelos** que são propostos:

- **Saber e crer: breve tomada em perspectiva histórica**

Nem o *saber* e nem o *crer* são sempre pensados e investidos da mesma maneira. Ambos têm em si limites respectivos, que envolvem suas naturezas. A antiguidade e a Idade Média são compostas de uma visão do mundo complexo e diferenciado, mas sintético, onde o *saber* chama a um *crer* (na distinção), e onde o *crer* se articula a um *saber* (reconhecido na sua independência, nem será em vista de suas origens não-cristãs). Portanto, substância e qualidade são indissociáveis. Porém, nos tempos modernos as formas do saber são críticas e dissociativas. Sendo assim, elas dão lugar à exaltação e à angústia. A natureza é, portanto, provada, cultural e existencialmente, como lugar da ausência de Deus. Não mais com cargas de significações e de símbolos, mas de forma fria, cheia de objetividade e submissa à medida quantitativa. Se existe um criador, ele é reenviado a um começo (ele tem criado o mecanismo de partida).

A modernidade tem em vista uma ideologia do progresso e da idéia de uma substituição, inelutável e proveitosa, da Ciência (única verdade) à Religião, nos mitos e nas fábulas, reputadas simplesmente como falhas.

- **Alguns modelos de articulação entre ciência e fé**

1. Conflito entre Ciência e Fé. Não se pode ignorar a existência entre um conflito. Entretanto, é preciso verificar cada um com seus erros e seus acertos. O processo é não substituir, mas correr o risco de uma verificação.

2. De uma complementaridade entre a Ciência e a Fé a uma recusa de articulação. É fundamental entender que tem de haver uma separação radical. A ciência analisa as descrições dos fenômenos da natureza e de suas leis internas. A Fé ou a religião analisa o sentido dos mesmos fenômenos. Assim, Ciência e Fé se complementam, porque elas não são da mesma ordem ou respondem às mesmas questões. Ambas não se articulam de forma homogênea. Desta maneira, os cientistas são sempre mais científicos e os teólogos ou os crentes são sempre mais ocupados com a fé e de sua especificidade.

3. Modelos de convergência. Há um modelo entre outros de convergência, que é o princípio *antrópico*. Para esse modelo o essencial consiste em valorizar que todo o universo aparece disposto em vista do homem, e que sobre este ponto a fé cristã e os dados científicos podem se juntar, ainda que trilhem caminhos diferentes. Se alguém pode descobrir uma analogia entre a visão científica e a visão religiosa, é pois através da Física Quântica. Mais precisamente uma relação entre a ciência contemporânea e as religiões orientais.¹⁵⁸ Além dessa relação, há ainda a Teologia do processo, que faz convergir ciência e fé.¹⁵⁹

- **Recapitulação**

É preciso se lançar no conflito ciência/fé, sob um plano de representações do mundo, da vida e do ser humano. Uma tal similitude estabelecerá um nível em que se poderá constituir um grande avanço entre Ciência e Fé. A Teologia cristã trabalha no coração do presente social, cultural e religioso. Esse espaço é seu a cada momento da história. Assim, não parte, em princípio, de uma visão desdobrada do mundo, do homem e de Deus, por tentar os validar em face de outras concepções ou visões. Tem de haver uma consideração de que é saudável para a fé o que a ciência pode descobrir e tratar. Deus está falando de diversas maneiras, e a Teologia precisa perceber isso. A própria Ciência também precisa ter esse perfil. Isso porque a vida é para o homem uma condição de existência, dada e frágil. Ao preservar no coração da própria vida o ser humano marca uma singularidade, onde se articula seu valor próprio.

5. Uma proposição que toca a questão do estatuto da Teologia

A Fé e a Teologia estão intimamente ligadas à tradição, de uma maneira de se colocar e de ser. O aspecto religioso no homem é composto de matrizes simbólicas e de dados socioculturais, que se cristalizam nas religiões históricas. E ligada a uma tradição a Teologia aparece como parte de um fenômeno sociocultural, de uma institucionalização, com suas fronteiras e suas margens, que por serem socioculturais, passam por variações, especificamente no crer, no saber, na moral, na ética e numa ordem social e global.

¹⁵⁸ Cf. a obra citada por P. Gisel: CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. [Tradução: Álvaro Cabral]. São Paulo: Cultrix, 2003. 447p.

¹⁵⁹ Cf. GOUNELLE, A. **Le dynamisme createur de Dieu. Essai sur la théologie du Process**. Retirado da Internet em 02/09/2004.

A Fé e a Teologia não podem somente se limitar a uma defesa ou a uma reinterpretação de certos conceitos rígidos, inserindo-os na condição de que servem somente como artigos de fé sem ação. Evocam uma tradição que tem relação com dados globalmente humanos, inserindo todas as buscas espirituais na cultura e no tempo. A Teologia não cessará de desenvolver ao mesmo tempo uma reflexão ligada ao estatuto da *verdade*; verdade que trata de Deus como criador e salvador.

5.4.3

Horizonte de complexidade antropológica

Complexidade é um termo que tem em seu significado a base de uma idéia que sobrepuja o pensamento da modernidade. Enquanto a modernidade distrai o conhecimento e a prática com suas coordenadas dualistas, a complexidade tem o seu propósito voltado para horizontes que se integram e não se desintegram. Horizontes que superam o dualismo inserido na sociedade, formando uma visão de mundo mais relacionada com a própria natureza da criação estabelecida pelo Criador. Assim, tem de haver, em primeiro lugar, uma complexidade teológica; segundo, uma complexidade cosmológica; e, terceiro, uma complexidade antropológica. Não se pode falar de Deus, sem falar do mundo; não se pode falar de Deus e do mundo sem falar do ser humano.

O ato de uma entrada do homem em exterioridade inscrita no coração da criação, desde a origem desta, marca propriamente uma participação integral na história e na cultura.¹⁶⁰ Teologicamente o homem é visto por Deus como um parceiro, dentro de uma história e com a possibilidade de transcender dentro dela. Transcender na história com suas contingências; com suas dualidades e com suas adversidades. É assim o homem criado por Deus, suscetível de dizer *não*, na medida onde Deus deseja um parceiro capaz de verdadeira ressonância. Destarte, o homem não foi constrangido ao *sim*. Em vista disso, não se pode afirmar que o pecado do homem tenha vindo do fato de responder com um *não* a Deus. Antes o mal é confessado como ruptura de uma situação relacional, do homem com o seu Criador; com o próximo e com a criação. Além disso tudo, concomitantemente, é

¹⁶⁰ Cf. GISEL, P. Création et eschatologie. In: **Initiation à la pratique de la théologie**, pp. 637-640.

uma ruptura do próprio homem consigo mesmo. Em face disso, é necessário haver uma teologia que esteja plenamente compenetrada com uma estrutura que disponha meios para uma complexidade antropológica.

Ao dispor meios para uma complexidade antropológica, corre-se o risco de uma luta em que se tenha de investir todos os esforços, uma vez que a situação presente apresenta seus dualismos incongruentes com o fundamento bíblico-teológico-antropológico. Todos os esforços têm de estar voltados para uma sociedade mais justa; para uma cultura que dignifique o homem e glorifique o Criador; e que promova uma política livre de corrupções. Estes são argumentos que não têm a intenção de ser apenas uma parte de mais uma reflexão, uma teoria, mas visando tão somente à prática. Uma prática para gerar e resgatar valores esquecidos, que estão inteiramente relacionados com Deus e a sua criação, mesmo que a modernidade tenha reivindicado os direitos da liberdade e de uma história vivendo contra essas posturas.¹⁶¹

A) Uma sociedade mais justa

Quando se reflete sobre *sociedade* se pensa basicamente nos agrupamentos de seres humanos; nas relações sociais, que são justamente um *complexo*, ou pelo menos deve ser. Uma sociedade deve apresentar-se com o estatuto do ser humano e sua razão, para ser de fato uma sociedade. E, a sociedade contempla em si mesma um jogo de diferenças, não somente no campo geral de sua esfera, mas também de seus valores particulares. O homem em sociedade é o homem em sua condição concreta, real.¹⁶² É o homem que se projeta com seu querer e realizar, através de sua inteligência e testemunho, consagrando um legítimo engajamento. Um engajamento que contemple o *sim* e o *não*, conforme o projeto original de Deus. Isso quer dizer o homem livre, mas responsável.

O problema básico de uma sociedade que se esforça por uma realidade mais justa, mas que considera esse alvo como uma utopia, uma vez que todos estão contaminados por uma injustiça desenfreada, faz que haja desânimo e desistência. Sendo assim, aumenta mais o número de um processo que se estende através de uma situação espacial-temporal, sem fim. É em face dessa questão que a Teologia pensa no grau de um trabalho consagrado a uma tradição. Uma tradição que

¹⁶¹ Cf. GISEL, P. **Croyance incarnée**, pp. 25-26.

¹⁶² *Ibid.*, p. 26 s.

chama o homem à sua responsabilidade original, através de seus textos e suas concretizações institucionais; seus tipos de comportamento e suas práticas religiosas, sociais e humanas. É o chamamento a um movimento de existência inscrita no coração de uma história de todos. Aqui está a missão do cristianismo, que tem na Sagrada Escritura a sua natureza e propósito; que mostra ao homem os seus deveres para com Deus e para com o próximo, bem como também para com a criação.

A Teologia interpela o homem à sua verdadeira gestão na história, que se qualifica pelo ato de crer. Crer em Deus como criador e salvador é a marca de um desenvolvimento que proporciona, de fato, ressonância justa e empreendedora de projetos que se concretizam para o progresso do mundo. A realidade hoje apresenta uma faceta negativa, onde há uma diversidade de crenças, mas pouca qualidade de vida. Violência, injustiça, miséria, desequilíbrios sociais entre outros, são faces de uma sociedade que não contempla um Deus criador e salvador. Mas, é preciso haver o entendimento de que o aspecto religioso e o ato de crer são causas eminentemente sociais; que devem ser compartilhadas e não reservadas. A situação religiosa e o ato de crer participam de uma decisão quanto à figura do ser humano de modo global.¹⁶³

Talvez alguns possam afirmar que a Teologia que interpela a essa realidade, de uma sociedade mais justa, como parte de uma complexidade, seja extrínseca e autoritarista. Pelo contrário, a Teologia sempre foi ciência não extrínseca, mas intrínseca à realidade humana; disciplina positiva e aplicada aos feitos da história. A Teologia é profundamente reflexiva no que concerne ao ser humano e ao mundo, cada um com suas peculiaridades.¹⁶⁴

Sobre a empreitada da Teologia Pierre Gisel afirma:

A empreitada da Teologia não visa a uma reduplicação, nem a uma simples repetição. Antes exercita o pensamento, vivendo de uma certa qualidade de questionamento, aquele que compreende a realidade de uma inquietude e a prática de uma busca. A Teologia se exercita na abertura, espiritual e humana, e a uma problemática, cuja crítica está voltada para o jogo de uma negatividade. Isto é, em última análise, ela nasce de uma forma espantosa (pois de uma diferença) e vive de experimentar acerca do que o outro se revela de modo fecundo.¹⁶⁵

¹⁶³ Cf. GISEL, P., *Croyance incarnée*, p. 28.

¹⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 29.

¹⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 29.

Por que a Teologia tem essa postura? Porque o homem é um ser imprevisível. Ele se ignora a si mesmo e não realiza o que precisa. As histórias das ideologias modernas aparecem com suas visões que revelam essa faceta do homem. A Teologia que chama a atenção para o ato de fé, tem crido e sabe que o homem é universal, genérico.¹⁶⁶ Todos são iguais no que tange a uma imprevisibilidade, por isso há a necessidade de uma lei que instrua o homem. Uma lei que transmita o verdadeiro sentido de humanidade, conforme a estatura de Jesus Cristo, a fim de formar uma sociedade mais justa, pois a justiça é atributo do Deus criador e salvador.

B) Uma cultura que dignifique o homem e glorifique o Criador

O pensamento crítico de Pierre Gisel em relação à modernidade, já amplamente abordado neste trabalho, tornou-se plenamente básico para uma tomada de consciência no plano cultural da humanidade. A modernidade contempla um mundo sem Deus e um Deus sem mundo. Da mesma forma pode-se aplicar ao homem: um homem sem Deus e um Deus sem o homem. A cultura que se presencializa, não considera Deus como criador e salvador. O homem é criador e salvador. Há um certo tom de narcisismo antropológico. O homem está sempre dizendo “eu sou Deus”. Assim, o Deus criador e salvador, Deus pessoal, realidade última, não faz parte dessa realidade. Aqui reside o pecado do homem. E, a cada dia, se embrutece, se sobrecarrega de fardos pesados de uma essência que não é sua. Enfim, a cultura da modernidade não respeita uma assimetria, uma diversidade e uma limitação.

A tarefa fundamental da Teologia é estabelecer uma clara sintonia entre a mensagem da salvação, de um lado, e as instâncias, a mentalidade, a visão das coisas, a linguagem, os problemas humanos de determinado momento histórico e de um dado ambiente cultural, de outro. A finalidade de toda pregação, assim como de toda a teologia, é aproximar o Evangelho do mundo moderno, onde sempre volta a situar-se. Já no Século I, quando o Evangelho fazia sua entrada no mundo, a missão dos apóstolos foi pregar o Evangelho, que era um corpo estranho para o homem daquele tempo – escândalo e loucura (1 Coríntios 1.23) – e de tal

¹⁶⁶ GISEL, P., *La création*, p. 209.

modo que este conseguisse compreendê-lo. Mas, a cada século o mundo se transforma e, ademais, as missões trazem constantemente para o cristianismo novos territórios de culturas diversas, o problema permanece sempre aberto. Cada época deve, portanto, formular de novo a profissão de fé, e a teologia entrar em confronto com o mundo particular ao qual se dirige.¹⁶⁷

O que pode significar uma cultura que dignifique o homem e glorifique o Criador? A esta resposta a Teologia cabe tomar à frente, mas sempre refletindo de modo que não se distancie de uma complexidade, pois, poderá cair no mesmo laço do pensamento moderno. A Teologia tem de fugir de todo o dualismo, e reconhecer que o ser humano e o mundo têm prismas duais. Enfim, dualidades e não dualismos; complexidade e não separação. O espaço rico da criação é compreendido de elementos heterogêneos, heterossexuais, assimétricos, mas não sem relação; sem interdependência. O Criador é diferente da criação, mas não sem relação com ela. Deus não é indiferente, porém se importa com o criado e age por sua providência, no sentido de nada faltar. O Criador e Salvador é trinitário em sua ação, pessoal e amante da vida. O Deus Trino é amor. E amor é mais do que teoria; é ação. Ação que imprime uma nova realidade, onde a vida humana e o mundo têm o seu devido valor.¹⁶⁸

O ser humano foi criado para glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.¹⁶⁹ O fato de ser criado por Deus implica que o homem é um ser inteligente. Isto é percebido ao longo das eras, através do progresso da ciência, onde se verifica uma autonomia do homem. Mas, ao mesmo tempo em que o ser humano utiliza a sua mente e corpo para produzir cultura, perde a objetividade de sua existência real e situada no coração do mundo.¹⁷⁰ E, perder o sentido de sua existência, faz que tudo e todos estejam debaixo de um jugo de morte. É de morte quando deixa de cumprir a verdadeira humanidade, ao tirar o Criador do centro da existência, se inserindo a si mesmo, o próprio homem, no lugar de Deus. Ao permitir essa falha,

¹⁶⁷ Sobre este assunto cf. CULLMANN, O. Vero e falso ecumenismo, Morcelliana, Bréscia, 1972, pp. 37-38. In: MONDIN, B. **Antropologia Teológica**, p.45.

¹⁶⁸ Recomenda-se a leitura da DECLARAÇÃO “DIGNITATIS HUMANAЕ” SOBRE A LIBERDADE RELIGIOSA, In: **Compêndio do Vaticano II, Constituições, decretos e declarações**. Petrópolis-RJ: 1968, pp. 599-601.

¹⁶⁹ Remete-se o leitor ao CATECISMO MAIOR DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, Parte 1ª, **Da finalidade do homem, da existência de Deus, da origem e veracidade das Escrituras**, pergunta 1. São Paulo: CEP, 1991.

¹⁷⁰ Cf. GISEL, P. La création, p. 181. Uma referência crítica à revolução copérnica. In: JÜNGEL, E., **Gott als Geheimnis der Welt**, p. 18.

permite também a ultrapassagem das limitações; e sendo assim, não tendo limites, sente-se o homem poderoso para fazer o que quiser. E fazer o que quiser, para ele, supõe dominar e explorar o semelhante e a criação. Com isso toca no corpo de Deus.

A solução está no rompimento com essa idéia de querer ser como Deus. O homem precisa se prostrar ao gesto de tradição que determina o seu caminhar histórico, revertendo todo o processo de negatividade.¹⁷¹ O ato presente e efetivo que envolve uma tradição é o lugar da verdadeira decisão, o lugar de uma tomada da Palavra, cuja subjetividade do que tem fé é parte premente sua e de seu semelhante, no tempo e no espaço. Como resultado dessa ação, há uma relação decisiva de alteridade que se lança numa relação sempre entre passado e presente, no sentido de que, pelo exercício da memória, seja sempre lembrada a ação criadora de Deus. Destarte, é tão somente pela obediência à Palavra de Deus, que o homem pode se dignificar como humano e a Deus como criador e salvador. Esse gesto é o gesto original que faz o homem sem pecado, assim como Jesus de Nazaré, na força do Espírito de Deus.

C) Uma política livre de corrupções

É possível haver uma política livre de corrupções? É possível se exercer os cargos públicos como dons outorgados pelo Criador, na condição de tão somente haver a realização para o bem da *res publica*? É somente através de uma tomada de consciência, sobre os ofícios que foram instituídos na sociedade, como meios externos.¹⁷² Como dons concedidos por Deus para que, sob ação do seu Espírito, sejam destinados ao progresso do mundo, e não para elevação de alguns e rebaixamento de outros.

O governo civil é instituição divina,¹⁷³ da mesma forma que os dons eclesiais. Portanto, dons eclesiais e civis são análogos. Tanto de uma parte quanto de outra são configurados como ministérios; são carismas outorgados por Deus e dinamizados pelo Espírito; têm profunda congruência com o desenvolvimento da salvação. Esses ministérios são meios pelos quais Deus fala, estabelecendo uma relação com o mundo. Por isso, são dons absolutamente necessários e legítimos.

¹⁷¹ Cf. GISEL, P., *Croyance incarnée*, pp. 43-64.

¹⁷² Cf. GISEL, P., *Le Christ de Calvin*, pp. 185-190.

¹⁷³ Cf. Epístola de Paulo aos **Romanos 13.1-7**.

Assim, toda pessoa ou grupo que desobedece à autoridade, desobedece a Deus. Mas, somente quando a autoridade cumpre cabalmente o seu dever, e de modo correto usa todas as suas prerrogativas de ministro de Deus.

As instâncias civis ou política e a eclesial são diferentes, todavia não há uma separação *stricto sensu*. Há a diferença apenas no tipo de responsabilidade e de intervenção. Porém, mesmo existindo uma diferença, é contemplada pela Teologia uma visão orgânica e integrada, no nível cosmológico, com repercussões antropológicas, éticas e políticas. Assim, se verifica uma complexidade que faz superar todos os dualismos que tentam confundir a sociedade. Essas instâncias que, numa visão orgânica, podem determinar os elementos do estilo do mundo que existe, e que para ser plenamente mundo, rompe com quaisquer dualismos. Esse estilo do mundo tem muito a ver com a forma cristológica e também com a relação plenamente pneumatológica, que regem a vida do crente e do mundo.

Essa postura tratada acima permite que haja um debate entre o cristianismo e a modernidade. A modernidade, com sua disposição marcada pela visão cartesiana, tenta viver como se não existisse Deus, e que tudo seja regido pelo saber científico. Ao tentar viver sob forte esquema com vertentes dualistas, maniqueístas, narcisistas, entre outros, quer na instância política ou eclesial, o homem perde completamente o seu rumo e o seu objetivo. Permite que haja toda forma de corrupção, que provoca desajustes. Uma modernidade que tenta viver sem a ordem da fé em Deus, e que segue seus próprios ideais, rompendo com uma visão orgânica, evoca altos riscos. Dentre os riscos que se podem enumerar, alguns já se tornaram perceptíveis na sociedade: exploração do homem pelo homem, supervalorização de um sexo em detrimento de outro, exploração da natureza, destruição de elementos naturais. Tudo isso e muito mais gera desequilíbrio. Passam-se no tempo os acontecimentos, mas parece que, um modo geral, o homem não tem aprendido alguma lição. Fazer o mal se tornou um meio de ganhar a vida, custe o que custar, no sentido de se obter fama, lucro e liberdade desmedida.¹⁷⁴

A fim de haver uma política livre de corrupções é necessário observar alguns princípios que o Evangelho imprime. Primeiro: os magistrados são

¹⁷⁴ Recomenda-se ao leitor as obras de MIRANDA, M. F., **Um homem perplexo. O cristão na sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992, 70p.; **Existência cristã hoje**. São Paulo: Loyola, 2005. 218p. Nessas obras o autor fala dos períodos difíceis que o cristianismo enfrentou e que enfrenta hoje, mas sobretudo, apresenta posturas para um enfrentamento qualitativo.

ministros de Deus, e não Deus; segundo: são vocacionados por Deus, e não de moto próprio; terceiro: são vigários de Deus, e não chefes de Deus. Sendo assim, os cristãos lhes são submissos, porque considera que toda a autoridade procede de Deus. Mas, quando se percebe que algumas autoridades estão fugindo desses princípios fundamentais, pode o cristão ver, julgar e agir, a fim de que a ordem seja estabelecida. A Igreja não deve se excluir do dever de agir em prol de uma melhor e mais eficaz ordem política. Esse é o princípio da realidade eclesial: ser a consciência crítica do Estado.

Uma política livre de corrupções pode cuidar do mundo, conservando-o como bem que veio de Deus. As autoridades constituídas são protetoras e conservadoras da tranqüilidade, da honestidade, da simplicidade e da modéstia em termos públicos (Romanos 13). Elas têm de promover a paz de todos, porque são ministros de Deus. Eles agem combatendo o mal e não em favor do mal. Não devem usar os bens públicos em causa própria, antes em favor da vida, porque são meios exteriores que Deus utiliza para o progresso do ser humano e do mundo. Desta maneira, havendo uma tomada de consciência a esse respeito, torna-se fecunda a hora e o tempo de se experimentar uma realidade que permite a todos viver.

5.5

Conclusão

É no espaço mesmo da criação, que as conseqüências refletidas nesta parte do trabalho têm de encontrar espaço. E, o espaço melhor que existe, é a vida do ser humano, que deve ser plena de toda a base evangélica, principalmente da vida da nova humanidade recriada em Jesus Cristo. Possuir uma mentalidade integradora, que não se dobre aos dualismos existentes, faz que se supere as ondas de dissabores divisionistas, que geram mais neurotizações no campo das relações humanas. Também a própria criação sofre com certos desajustes. E, para que não continuem desajustes e a destruição dos reinos da natureza, é fundamental o exercício da obediência; obediência a uma Lei, a uma tradição, à ordem divina, de

gerir com responsabilidade a boa criação. Aqui está a verdadeira responsabilidade do ser humano. Mas ele somente passa a ter a exata noção dessa responsabilidade, quando reconhece em Jesus Cristo, verdadeiro Deus-homem, o sentido de ser humano de verdade.

Jesus Cristo é o Deus que veio para salvar. Ele salva porque criou. A sua salvação é a reintegração total do homem e da mulher, para uma nova realidade. A realidade de uma nova configuração, de liberdade e de compromisso na história. Recriado em Cristo, o homem pode experimentar um horizonte de complexidades. Complexidades em relação ao Deus criador e salvador; complexidade em nível cosmológico e complexidade antropológica. A complexidade é a não-exclusão da vida e de todos os seus elementos constitutivos.